



9

ALABAMA



1867

A

1868



I	8
6	20

L. G. H. B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 14, 4.º andar.

Serie 40.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

1.º AGOSTO DE DE 1868.

N.º 392.

O ALABAMA.

Este numero é o segundo da 40.ª serie. Os Srs. assignantes, que estão em debito, queiram se apressar em solvel-o, ao contrario não mandem reclamar quando não receberem a folha.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
31 de julho de 1868.

Não houve expediente.

—Safa! Que bruto!

—Alguma novidade?

—Um feitor do Sr. Galeão, com roça ao Cabulla, de nome Carlos Antunes Nunes, que deu tanta cacetada em uma filha de seis annos e meio, no dia 20 do mez p. p., que a deixou por morta com um bracinho partido.

—Monstro! Faccinora!

—Não ficou ahi a sua ferocidade: um trabalhador da dita roça, condoido de ver a perversidade com que elle trucidava a innocente menina, quiz soccorrel-a e o malvado fracturou-lhe tambem um braço.

—Pode chamar-se o quebra braços.

O que é feito desse barbaro?

—Felizmente está entregue aos disvellos do Custodio, d'onde parece que responderá pelo mau feito que acaba de praticar.

—Bem. E' preciso que essas feras vão tendo o justo premio de suas perversidades.

—Capitão, viu o *Passarinho* na quinta-feira percorrendo as ruas desta cidade com o sobrecasaco virado de dentro para fora?

—Vi; era satyrisando os progressistas que se estão passando para o lado dos conservadores.

—Creia, V. Ex., que achei spirito na tal satyra.

—Aquillo não foi da cabeça de *Passarinho*, foi mandado por *alguem*, mediante dinheiro que lhe deram para esse fim, segundo consta-me.

—Eu tambem acho que sim! Alli andou dedo conservador!

—Vejam só o diabo como as tece!

—O que foi, homem?

—Por causa de dous vintens quanta desgraça!

—O' homem, por dous vintens!

—Leia aqui o *Democrata* e veja.

—«O italiano Luiz de tal, dirigiado-se um destes dias ao negocio de um outro seu patriocio na serra do Picú, provincia de S. Paulo, ahi teve uma alteração de palavras por causa de um troco de dez tostões, no qual dizia Luiz ter faltado dous vintens.

«De palavras mais ou menos violentas entre ambos resultou o dono do negocio atirar em Luiz com um dos pezos da balança, ao que Luiz respondeu, lançando mão de uma encho que se achava proxima ao balcão e atirar ao seu aggressor um terrivel golpe á cabeça. Porém desviando este a cabeça, não

pode inteiramente evitar o golpe, dando em resultado ficar com a extremidade do nariz inteiramente cercada.

«A' vista do sangue — corre a um espelho e vendo que se achava sem um dos principaes órgãos que ornã o rosto humano, dirige-se precipitadamente ao seu quarto e empunhando um revolver desfecha um tiro em seu infeliz companheiro estendendo-o morto.

«Com o barulho aeode gente e alguns policias tentam prender o assassino, porem elle armado com o revolver consegue ferir a varias pessoas, resultando da lucta ficar tambem morto com cinco ou seis tiros que lhe atiraram em defeza propria.

«Assim terminou este drama sangrento, cujo primeiro acto teve por base 40 reis!!!

«A authoridade competente fez tanto nos offendidos como nos mortos o respectivo corpo de delicto.»

C'est trop fort!

—Por uma ninharia duas vidas perdidas.

—Só o capêta com suas artes é capaz de hallucinar as creaturas a commetter tão deploraveis desatinos!

AS BRIGINHAS DE QUEM AMA.

No matrimonio, no pacto que faz o homem com a mulher de viverem juntos, quer cheguem a face do altar para jurar amor e fidelidade, quer em particular assim seja estabelecido, ha uma cousa bem boa, que não deixa de ter seu sal. Parece que o demonio, temendo que haja fastio das partes negociantes, forma taes circumloquios, remexe na cumbuca dos ciumes por tal maneira, que lá de vez em quando apparecem uns medeixes, umas briginhas, que apertam os nós da união, e fazem apparecer no coração mais obrigações para novos desempenhos. Oh! uma briga entre homem e mulher que se querem bem, é melhor que doce, é saboroso e annuncia muitos momentos de prazer para ambas as partes.

La para as onze do dia, o marido querendo vestir-se para sahir, achou alguma cousa que notar no engomado da camisa ou da calsa. As senhoras mulheres não querem que o pobre homem diga nada: elle deve sahir para trabalhar, deve se cançar, suar e arrenegar-se para sustentar a quem está em casa bem a seu fresco, e inda em cima, não permitem que elle ao menos achi em casa uma cousa mal feita. São muito egoistas, e tudo querem somente para si. Equando o marido resmungo, apparecem logo uns ajustes de ciume atrezado, uma tal ou qual novidade que vem logo a campo, o que tudo se ulima por choro, arrufo, e briga, mas; — brigasinha dê amor doce como assucar.

Rusga pois o marido da camisa mal engommada, e ella si se hade calar, nada diser, pois tal é a sua abrigação, vem logo com uma historia muito cumprida de impertinencia, e jura la consigo vingar-se.

—Que camisa mal prompta, Felismina! — diz o marido.

—Eu não sei d'isto não, responde ella logo. Si você quer melhor mande para rua as suas amigas para engomarem.

—Já você principia.

—Sim... sim... onde foi que você esteve hontem a noite que veio as duas horas?

—Ora, estive com os amigos jogando o voltarete.

—Sim... esteve... Deus é que sabe; onde você esteve foi n'aquella casa cor de rosa que tem alli em cima na rua,

—Que casa! Felismina, deixe-se de asneiras.

—E' asneiras, sim... você pensa que eu não vejo quando você passa olhar tanto para la?

—Esta bom, Felismina, diga o que quizer: a camisa é que não presta, dê-me outra.

—Vista quantas quizer. E' ver um, é ver todos. Umas mulatas muito feias, é de quem elles gostam.

—Mas, Felismina...

—Adeus! você não me tem amor: anda por ahi, e depois vem para casa brigar.

—Que brigar, Felismina, socegue.

—Isto é bom dizer, era melhor que ficasse logo la. Triste de quem é mulher que atura homem!

O marido, a quem esta cantilena ja vae enfastiando, acaba tambem por dizer alguma cousa, e n'este tiroteio se formalisa uma briga, e o marido sahe para rua zangado, batendo com a porta ao sahir, e a mulher fica em casa chorando, se queixando, e vingando-se de sua raiva com as crias de casa, si as tem, com as escravas e aggregadas.

Ao passar porém da porta da rua ja o homem se não lembra. Vae, conversa com um, falla com outro, entra no redemoinho dos seus negocios, e nem prevê a tempestade que lá está armada em casa, porque a mulher gosta muito de apurar, de mecher na cousa, e levar até as ultimas.

O dia se passa insensivelmente, a fome principia a reclamar seus direitos, e a dizer ao marido que são horas de voltar para casa; e elle, que para ella deve ir, toma o caminho e vem.

Quando entra vae logo em direitura do quarto para despir-se, e ja conhece que o negocio continua, porque a mulher nem lhe apparece, manda a negra para receber-lhe a roupa, e enquanto o marido isto faz, ella lá

dentro está se formalizando e preparando a tromba com que se deve mostrar. No coração está morrendo que elle se chegue para ella, mas não quer dar o braço a torcer e está zangada, mesmo pela consciencia que toda mulher tem o seu poder no coração do homem. Assim pois quando o marido lhe aparece, ou o não olha, ou lhe dá um revirado de olhos terrivel e extraordinario.

—Adeus Felismina, como passastes, vamos janctar.

—Passei bem. Oh negra, bota o janctar para teu senhor.

Bota-se a comida na mesa, está tudo prompto, o marido se senta, e ella não vem, está sentada cosendo e bem calada.

—Então, Felismina, você não vem?

—Não senhor, não tenho fome, Coma o senhor.

O marido janta, e se levanta e ella sempre a coser. E vendo que o negocio continua se principia de novo a vestir para sahir.

A mulher está se mordendo, e como não quer se entregar, procurando com tudo alguma corda para principiar, la está resmungando entre dentes:

—Inda agora chegou e ja vae sahir. Pode ir que me importa.

O homem ri-se e sahe, e á final volta a noite.

Oh! a noite! para um par que se arrufa, é um tempo bem precioso este o da noite! é a hora de se ir ao juiz de paz para a conciliação. A noite para os amantes é uma fortuna, tem uma valia que se não pode imaginar.

Chegada a hora de dormir o marido deita-se bem a sua vontade, e procura o somno.

A mulher arrufada não vem logo se deitar, tarda inda um pouco, mas a final vem, deita-se.

Então o marido em ar de supplicante, assim em meia falla, diz:

—Felismina. . . .

—Me deixe! chegue-se para lá; que calor! e vira-se para parede:

—Oh! que genio, Felismina. . . .

—Chegue-se para la, ja lhe disse: que calor!

Emfim, para abreviar contos, assim vão. . . assim vão. . . até que dormem. . . e acordam no outro dia, ja tão alegres que nem parece cousa.

Então que foi que fizeram estes dous que assim se tornaram as boas?

Quem o poderá dizer sinão elles?

Certos maridos bobos, que não conhecem a força do juiz de paz que tem dentro de casa, se arrufam tambem; e acabam o negocio ministrando a mulher xarope de canna da iadia, e outros medicamentos improprios.

Devo todo o marido ou amante saber que possui o remedio efficaz para estas brigas de amor, e que este com ellas mais se aviva e mais gostoso se torna. Amor sem uma brigasinha de vez em quando, é desemxabido, e tem privilegios de carne cosida sem sal, ou de abacate sem preparação.

Quem for casado, ou versado em amores, que me diga si não ha verdade nas palavras que ahi ficam publicadas.

À PEDIDO.

—Immediato!

—Prompto.

—Mande fazer rumo do norte, e aproar sobre a cidade da *Mangueira*.

—Estamos a vista de terra, capitão.

—Ancorar e desembarcar.

—Ha alli uma rampa que por ser *calçada* é optimo ponto para desembarque.

—Como for.

—Estamos em terra firme; V. Ex. dê suas ordens.

—Em quanto a tripolação vae por ahi a cata de algum tratante, contemplemos o *augusto* mysterio da criação á sombra daquella *oliveira*.

—Para não perder o tempo, antes fosemos a tasca do *Tiburcio*; por la sempre apparecem falcatruas.

—Va que seja!

—Eil-o debruçado ao balcão.

—Que do seu caxeiro, magano?

—Despedi-o.

—Pois despediu o rapaz que lhe servia ha tanto tempo!

—A 12 annos!

—Estou vendo que isto foi por causa de salarios.

—Não Sr.; ajustei com elle a 120\$ reis annuaes e o ultimo a 150\$ reis, mas n'um dia *perdeu* tudo quanto tinha ganho e o puz no olho da rua.

—Que motivo teve?

—A principio era muito vivo e ate me coadjuvou bastante na *troca* de uus *canarios*; mas depois creou azas e quiz constituir-se meu *rival*. Chegou sua ousadia a querer *comer* no mesmo prato que eu comia!

—Essa historietta está me cheirando a subterfugios.

—Fallo a pura verdade.

—O motivo allegado não é razão para V. ficar-se com o ordenado do rapaz.

—Quiz castigal-o, para não ser adiantado.

—Roubando-lhe o suor?

Ora que V. sempre teve propensão para se arvorar em depositario do que não lhe pertence!

Não sei que diabo de manobra fez que o prédio do João das Preiras foi lhe cahir nas unhas.

—Capitão essa historia é muito differente do que lhe informaram. Si V. Ex quer eu mesmo a narrarei pelo miudo.

—Ora vamos lá a ouvir este calendario de trapações.

(Continua.)

PARODIA A MODINHA

—Qual quebra a vaga do mar,—

Qual quebra á vaga do mar,
Não nos deixando dormir,
Assim teu roco grunhir,
Vem meus ouvidos quebrar;
O teu destino é berrar.
Quando estás de humor,
Vê que tormentos de horror,
Não tenho de supportar
Tu, a viver a gritar,
Eu, a aturar-te o furor!

Si o sol disponenta eu lamento,
Si o sol se despede eu grito.
Pois vivo muito afflicto
Comtigo, que és um tormento;
Não mais! que eu ja não aguento
Teus berros de ensurdecer,
Si me não deixas viver,
Si continuas assim,
O que ha de ser de mim:
—Faz-me o favor de dizer?—

Mulher! é lei de teu fado
O ter pancada na bola,
Tens o casco como sola
Duro, frio, embezerrado.,,
Si continua o meu fado,
Si teu fado continua,
Salto p'ra o meio da rua,
Vou ja pedir agasalho
Em casa do Ze-Ramalho,
Compadre do Ze-Falua!

O cambachirra ja pousa
Na tua frente enrugada,
De moça ja não tens nada,
Ja estás com o pé na louza;
Si não fazes outra cousa
Que não seja dar massada,
Si com tua voz mofada
Pretendes de mim dar cabo,
Vae-te viver p'ra o diabo.
E no inferno repousa...

—Gentes o Fausto é conservador ou liberal?

—Liberal.

—Deveras?

—Elle assim o diz.

—Mas eu o vi encartado n'uma chapa de conservadores.

—Que elle não pediu.

—Quem calla consente,

—E V. a dar-lhe!

—Dar-se-ha que o homem queira brincar com pau de dous bicos?

—V. é politico?

—Deus me livre.

—Pois então deixe-se de metter em seara alheia.

Poderá o Revm. Sr. padre Luiz da Costa Baptista, mrito digno vigario da freguezia dos Prazeres, municipio do Inhampupe, dar noticia de um cabocolinho, de menor idade, que o acompanhou a esta capital e que nunca mais voltou ao logar d'onde veio, ignorando-se completamente o seu destino?

Um Prazerense.

—Sr. Albergaria, o chapéu de sol?

—Que chapéu do sol, homem?

—Que eu deixei aqui.

—V. está doudo, homem?

—Pois não se recorda que quando lhe pedi a genebra encostei alli o chapéu de sol e que na sahida esqueci-me de leval-o?

—E alguem que entrou ja carregou-o sem que eu visse.

—Não é possivel, por que foi neste instante e emquanto eu fui daqui ao talho não havia tempo: e se entrou alguem o senhor deve recordar-se quem foi, por que demadrugada não é como de dia que as vendas atulham-se de freguezes.

—Ora não me conuma.

—Bem me disseram que aqui n'Agoa das Creanças o senhor tinha fama de insigne agasalhador do alheio.

—Diga o que quizer

—Seu cynismo o condemna. Fique-se com o chapéu que não é a vida de um homem.

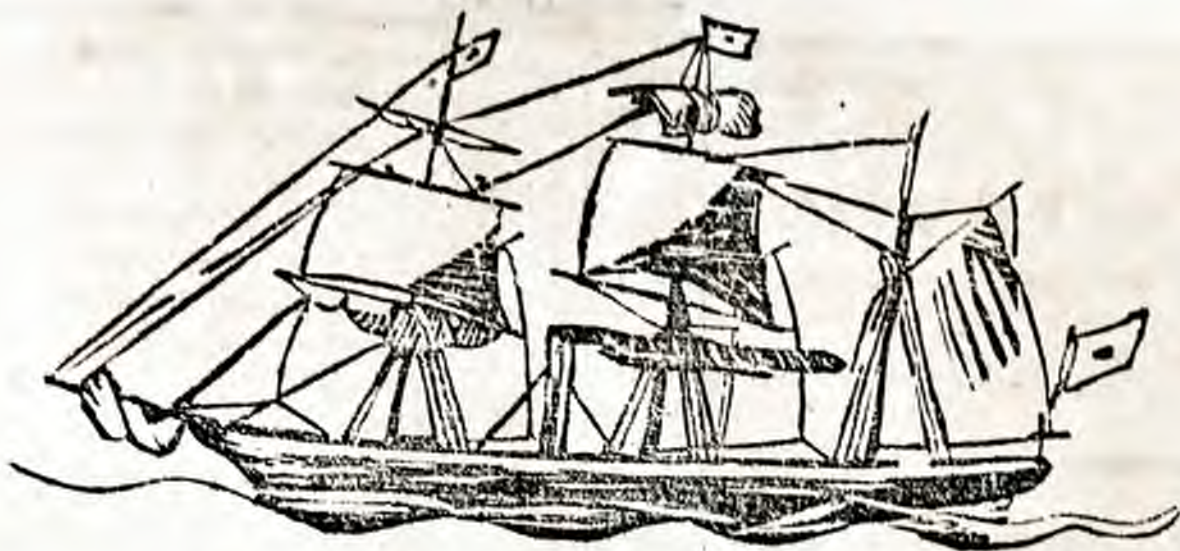
ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Em virtude de não haver restado tempo na sessão de 26 do corrente para a leitura do relatorio do conselho e do parecer da commissão de contas do trimestre findo, convido aos Srs. socios, de ordem do conselho, para reunirem-se em assembléa geral, no domingo 2 de agosto, ás 11 horas do dia, afim de que possam ter logar esses trabalhos. Bahia 30 de julho de 1868.—A. Ricardo, 1.º secretario.

A Estrada Nova rua da Valla, junto ao beo do Funil que vae para o Barbalho—ha uma venda para se dispor, quem a pretender dirija-se a mesma para tratar.

Nesta typographia precisa-se de um bate-dor.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 44, 4.º andar.

Serie 40.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

4 AGOSTO DE DE 1868.

N.º 393.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
3 de agosto de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que interponha o recurso de sua authoridade, para que as creoulas Helena e Adelaide não continuem a reciprocamente se insultarem publicamente com os epithetos mais obscenos, com grave prejuizo da decencia publica; especialmente a segunda das contendoras cuja desenvoltura de lingua é em excesso demasiada.

—No domingo á tarde embarcou para a corte o Sr. Azambuja com todas as honras devidas ao cargo que acabou de occupar.

—Pelas saudades que me ficam. . . .

—O embarque foi muito concorrido; subido numero de conservadores acompanharam a S. Ex. até o caes do arsenal de marinha.

—Estes conservadores. . . . são uns macacões de sabidos.

—Eu é que não vou nada com elles.

—Nem eu como araras.

—Fortes cousas!

—O que tem, homem?

—Pois a policia não tem um meio para acabar com o escandaloso spèctaculo de andar a *Santinha* offendendo a moralidade publica por estas ruas?

—Hontem doitou-se ella de papo para o ar, na rua Direita de Palacio, levantou a saia mostrando as pernas e seus arrabaldes, e apresentando como *specimen* certos dotes em que a natureza foi prodiga.

—Ou a *Santinha* ha de andar pelas ruas commettendo as mais hediondas depravações, ou n'um dia em que se lembram, ha de ser levada para Correccão por quatro soldados de policia, cercada d'uma alluvião de moleques na mais immoral algazarra, augmentando assim o escandalo, para ser solta no outro dia e vir continuar em sua tarefa de obscenidades.

Pois a policia dispendo de tantos recursos não tem um para acabar com isso?

—O meio é facilimo; a policia pode obrigar os ebrios a assignar termo de bem viver, e quebrado elle, ja sabe.

—Sim, é verdade, mas a policia tem outras cousas de mais subida monta em que se occupar.

—Venho informar-lhe de uma acção meritória que tambem me contaram.

—Diga-se.

—O sargento do 1.º batalhão de infantaria José Firmino Cavalcanti indo a thesouraria receber dinheiro, o thesoureiro enganou-se e deu-lhe de mais um conto de reis; chegando ao quartel, e dando pelo accrescimo, voltou in continenti a restituil-o.

—Si é exacto, o sargento Cavalcanti merece louvor; e portanto vou officiar ao comman-

dante para que o mande elogiar em ordem do dia e lhe dê um mez de licença com soldo.

LA VAE VERSO.

ANALYSE REMETTIDA AO COMPADRE FALUA.

«Dos homens na van loucura
«Um pouco meditaremos;
«E com alquimia o segura,
«Do mal alheio faremos
«Para o nosso mal a cura.
(N. Tolentino—T. 1.º)

O' musa! tu, que, prudente,
Me arredas dos precipícios,
Falla a verdade somente;
Vem bater nos negros vícios,
Nos vícios da nossa gente.—

Não vês toda a mocidade,
Qu' embora talento exponha,
As normas da castidade,
Como esmaga—sem vergonha
Sob o pezo da maldade?—

Não vês como ás portas bate
Da corrupção e penuria
(Sem que a moral a retrate)
Por alcançar na luxuria
Sempre a palma do combate?

Não vês na guerra de amores
Como se entranha o *taful*,
Quando nós—contra os trahidores—
Precisamos—lá no sul
De cornetas e tambores?!...

A insolencia brutal
Com qu' estúpido estrangeiro,
Vem para aqui sem real,
Dizendo—que *por dinheiro*—
Cura todo e qualquer mal;

Ouvil-o ainda dizer
(E esta, meu bom compadre!!)
Que para mostrar *saber*
Tambem cura dor de madre,
Tira dentes sem doer;

E tudo isto,—por *novo*
Systema que—elle *inventara*.—
E' cousinha qu' eu não louvo:
Merece premio de *vara*
Ministrada pelo povo.—

Que dizes dos *carcamanos*
De jaquetas de velludo,
Sapatos que duram annos,
Vendendo algodão por—tudo
E baetinha—por pannos?!...

Agora—o' muza que dizes?
Dos nossos velhos doctores?—
—São cabeças, mui felizes:

Sabem de cór os humores
Que attacam sempre os narizes!

Oh! são homens de respeito,
Dotados de gran valia!
D'elles faço bom conceito:
—Receitam logo sangria
Para as molestias de peito!

Temos jovens bachareis
Soberbos—como o romano(*)
Interpretam bem as leis:
Porem ha tantos ao anno
Como limões a dez reis.—

O' musa não te desmandes,
Não me vertas o teu fel:
Cautellosa é bem que andes!
De que te importa—a *babel*
D'aquellas cabeças grandes?!...

P'ra que me vás excitando
A' tratar de cousas mil,
Podes ver; mas não fallando
—Que os fradecos do Brasil
Vivem os muros saltando!

Si a moral passa em desdem
N'este seculo nefando
Si os padres—o gosto tem
D'ir a especie propagando—
—Deixa o mundo que vae bem!

Qu' importa que as raparigas
Illudindo os pobres paes,
Sem receiar que as maldigas,
Andem sós pelos quintaes
A' noite—como formigas!

Dizes que achas roncando
De dia—os amigos teus?
Estão, muza,—descançando;
Porque esquecidos de Deus,
A noite passam jogando.

Dizes que ha figurões
Que não ganhando si quer
Por dia—alguns dez tostões,
Trazem com luxo a mulher,
E dão bailes e funcções—

E queres tu descobrir
O meio de que se usa
Para tambem se existir?!...
—São mysterios minha muza,
Mysterios que fazem rir!...

Como tu—eu tambem vejo
Cousas mil, porem me calo;
Mais do que sou—não desejo;
Por couza alguma me abalo,
Nem mesmo por dar um beijo.

Temos visto á lua cheia
Nos cantos d'Itapagipe,

(*) Isto é, como o orador Cicero.

A canalha que se allêa
Nas azas do nosso—ipe —
Pela força da cotrêa. —

Basta, muza, d'esta vez:
Basta, miuha tagarella;
Toma a tua placidez;
Cautella, e muita cautella
Nunca mal a gente fez.

—Egas—

Á PEDIDO.

—Muxingueiro, vae buscar a cachações o
Pedro Virgolino.

—A demora é so enquanto ensebo a taca.

—Quero mandar metter a cara desse bil-
tre na cloaca do navio.

—E julga que lhe faz alguma cousa de
mais?

—Anda essa besta de dous pés a enxova-
lhar o nome de quem nem se lembra delle
na hora da evacuação, como si os mais ti-
vessem culpa do descarado lorpa andar pelas
guardas a serrar o jantar dos officiaes e es-
tes o mandarem para o *Alabama*.

—Forte asno! Sabe quem lhe deu a sape-
ca e anda a lançar a culpa aos outros.

—E a fazer ameaças, como si alguém fi-
zesse caso dos arreganhos de sexelhante a-
nimal, que quando por acaso der um couce,
ha muito boa taca e esporas para fazel-o che-
gar ao rego.

—*Badú*, me diz uma cousa.

—Até dez.

—Que fim levou a menina do Manuel Ro-
drigues, marceneiro?

—Que se *lhe* importa V.?

—Falla manso, rapaz; é porque disseram-
mê que havias rapinado a inexperta, a qual
tem passado seus transes.

—Pelo contrario; já é mãe de um menino
bem nutrido.

—E vae vivendo da graça de Deus.

—Que engano! o districto dá para tudo.

—Agora é que eu quero ver com essa mu-
dança de cousas.

—O tal Sr. *Negrinha* teve a rara habilida-
de de pôr o *Antanes* a tocar leques com lan-
dura.

—Este rapaz sempre foi muito experto.

—Experteza é uma cousa e ladroeira é
outra.

—Quem o mandou ir atraz das comportas
delle.

—Mas o rapaz tinha de entrar para o hos-
pital e cahiu na asneira de vender-lhe a cla-
rificação a palavra.

—Palavras não adubam sôpa.

—E elle batou vispora em tudo, fechou a
casa, entregou a chave ao dono da proprie-
dade e largou-se por esse mundo além.

—Expeculações da vida.

—*Savoir vivre*, como ja me disse um po-
tentado da actualidade conversando em humo-
ristico ripanço, com a minha catholica pes-
soa.

—Quero lhe contar uma historia que me
contava minha avó.

—Ora vamos com sua historia da *caro-
xinha*.

—Havia um padre que a todos os peni-
tentes que confessava, em logar de horrori-
sar-se, como costumam os confessores, dos
peccados que elles lhe accusavam, consolava-
os sempre dizendo:

«—*Podia ser peor, filho.*»

Um moço gaiato, querendo divertir-se com
o padre, foi confessar-se, e depois de contar
muitas cousas, inventadas por elle, de fazer
arripiar as carnes, disse:

«—*Sr. padre, ha occasiões em que eu tenho
impeto de matar meu pae para casar-me com
minha mãe.*»

O padre que entendeu o sujeito querer
desfructual o uso da sua frase:

«—*Podia ser peor, filho.*»

«—*Peior como?*» perguntou o gaiato.

Respondou o padre:

«—*Podia teres impeto de matares tua mãe
para casares te com teu pae!*»

—E não podia sei peor, forçar as leis da
natureza, casando-se com o pae?

—Quer com o pae, quer com a mãe...

—*Psio! Vade retro!*

—... forçava os preceitos naturaes.

—V. Ex. tem conhecimento daquelle pa-
dre que alli vae?

—Não me recordo.

—Não tem ideia de um padre que sempre
estava na casa do *Luiz*?

—Será o primo do *Costa*?

—Vae por ali.

—Um que raptou uma moça e botou-a na
casa do *Baptista*, lá para freguezia dos *Sanha-
cos*, deitando-a depois a ponta-pés no lama-
çal da prostituição?

—E' esse devasso mesmo, que hoje está
feito vigario.

—Ah! Já é vigario elle?

—Ha que tempo.

—De que freguezia?

—E'... é... é... Não lhe posso dizer.

—Pois o ordeno que diga!...

—Capitão, por *Nossa Senhora dos Prazeres*
não me comprometta.

—Então tens medo do vigário?

—Não, meu capitão, é que elle levou meu filhinho em sua companhia para a cidade, voltou sem elle e não dá-me sahida do que é feito d'elle.

—Ja comprehendol! O padresco é vigário d'aqui dessa freguezia, levou teu filho para a cidade e tu receias ficar sem elle.

—Sem elle ja me conto eu; mas não diga que eu lhe disse isso, porque quero ver, embora gaste dinheiro, se o senhor padre me da noticia do meu cabocolinho que elle levou-o como criado e deu consumo.

—Que idade tem teu filho?

—É de menor idade e um pouco apatetado.

—Vou mandar ja um officio ao Exm. e Revm. Sr. prelado, para ver as providencias que elle toma a respeito, e no caso que ellas não appareçam, dirigir-me hei ao Sr. Dr. chefe de policia.

—Oh, capitão, se eu tornar a ver meu filhinho, meu innocente cabocolinho em meus braços!... Deus é que lhe ha de recompensar!

.....

—E são assim os padres!

Jesus Christo pregou contra a escravidão, e os ministros da igreja possuem escravos, além disso escravizam os que são livres!

Ora quem não dirá que o filho desse pobre tabareu foi vendido por esse padre!

Talvez esteja enganado, é bom averiguar.

O Cabocolinho de quem falla o Prazerense no Alabama de 1.º de agosto trazido pelo Rev. vigário Luiz da Costa Baptista, acha-se como criado no collegio Santo Antonio.

Um inimigo da intriga.

MOTTE. A

*As pernas da minha amada
São dous arcos de barril.*

GLOSA

De sarnas todas esfoladas,
Finas como um taquary,
São como de beintivi,
As pernas de minha amada.
São pernas de carne assada,
De pulgas tem um covil;
De verrugas mais de mil;
Direitas quaes dous anzoës,
Fazendo seus caracoës,
São dous arcos de barril.

VARIÉDADES.

UM JUÍZ AJUIZADO.

Felippe Flaxman foi achado em estado de

completa embriaguez em uma rua de Londres, na véspera do dia de Natal, as 6 horas da manhã. Ao outro dia, comparecia perante o magistrado.

A todas as perguntas que lhe foram feitas, Flaxman, que ainda andava pelas vinhas do Senhor, respondeu invariavelmente:

—V. Ex. é pessoa muito ajuizada, muito ajuizada... não é possível ser mais ajuizada.

Vendo que era impossível colher outra resposta do beberão, o magistrado mandou que fosse encarcerado até ao dia seguinte. De maneira que passou o pobre Flaxman no carcere a noite do Natal.

Na manhã seguinte, ás onze horas, appareceu pela segunda vez perante o Rhadamento de Marylebone.

—Você devia envergonhar-se de si mesmo, disse este: Levantaram-no do meio da rua em estado deploravel, e a todas as perguntas que lhe fiz, não pôde responder senão estas palavras: V. Ex. é pessoa muito ajuizada.

—Neste caso, respondeu Flaxman, com a maior fleugma, se eu disse tal coisa é claro que estava embriagado.

O magistrado riu-se, mas não deixou de condemnar o bebedor a tres dias de prisão ou duas libras de multa.

OBRAS DE GOSTO.

Gregorio José de Souza, Surgião Ziminado; Com Carta de Zaimo do Prouto Medicaito para Curar de Surgia, Medicina neste Empero. de sua Magestade. Costucinal

A testo José da Silva Coelho; Efermo de uma Estrocom que padece a muito tempo como alem da sua, molestia, tambem; tem Sua molher Muito doente que não pode Sahir de Sua caza, porque So Seu Marido é que A cura; é o que poço atestar de Bacho de Juramento; do meu cargo. houge 14 de Maio de 1845 Vila do Porto das peidras.

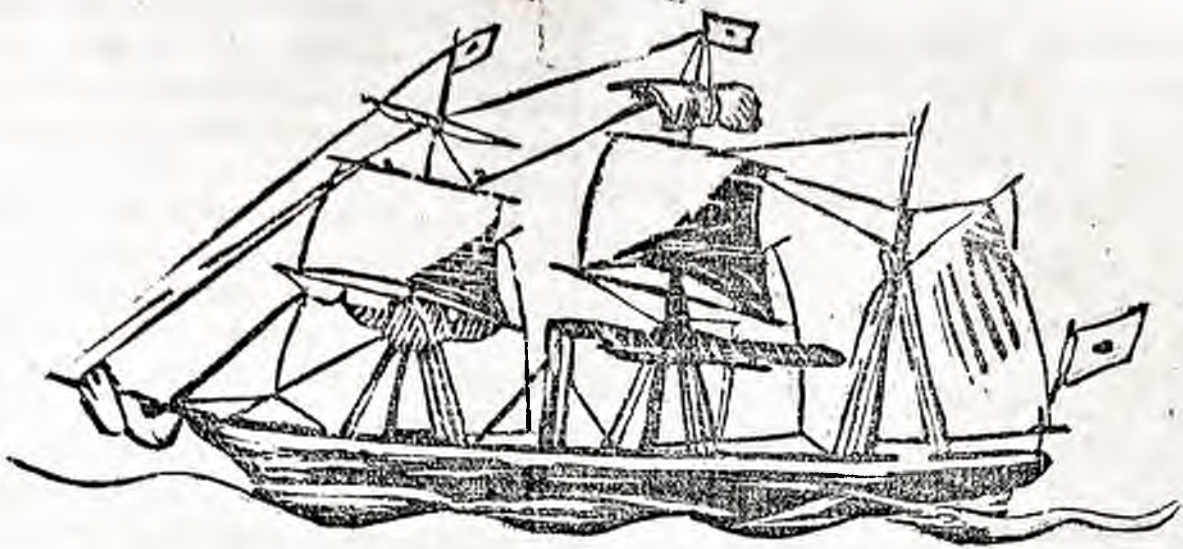
Gregorio José de Souza.

Gregorio José de Souza Surgião Ziminado Em surgia Nacamia Framacia Com provisão do Prouto Medicaito para puder curar De Medicina. Neste Empero de sua Magestade Costucinal.

Atesto que Antonio José de Ataide Junho Efermo de um pei que tem huma ferida em hum deido do pei que não pode Calear Sapaito para puder Andar E o que poço Atestae de Bacho de Juramento do meu cargo houge 1.º de Maio de 1845.

Porto das peidras.

Gregorio José de Souza.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 40.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series.

BAHIA

6 AGOSTO DE DE 1868.

N.º 394.

O ALABAMA.

Cidade de Latronópolis, bordo do *Alabama*
5 de agosto de 1868.

Não houve expediente.

—São tristissimas as noticias da guerra

—Que me diz?! . . .

—Em um só dia soffremos dous revezes em ambas as margens do rio Paraguay.

Por um lado os paraguayos erguem sorrateiramente á sombra dos bosques uma bateria sobre o arroio Guaycurú, com a qual encommodam as forças alliadas no Chaco, mettendo-a entre dous fogos. O coronel Martinez encarregado de tomal-a, é derrotado e morto, perdendo-se 300 argentinos e duzentos brasileiros. Por outro lado o barão de Herval encarregado de atacar Humaytá, cuja evacuação tivera denuncia o marquez de Caxias por um *passado*, depois de tomar uma bateria avançada é obrigado a retirar-se, por ordem superior com grande perda, sendo obrigado para defender-se dos paraguayos que picavam a retirada, a lançar mão da espingarda de um soldado morto.

Ahi vae o que se lê nas correspondencias para Buenos-Ayres.

—Vamos a narraçào.

—«O marquez de Caxias inesperadamente ordenou a 15, á tarde, um reconhecimento-ataque sobre Humaytá, tão inesperadamente que o general Gelly y Obes apenas recebeu a

ordem duas ou tres horas antes do momento em que se devia realizar.

Qual foi o motivo desta resoluçào do marquez? As noticias que dava um passado.

Esse passado veio dizendo que as forças de Humaytá iam evacuar o seu acampamento fortificado, e que o grosso da operaçào se verificaria na noite de 15 e manhan de 16.

Isto, e o aviso que deu a esquadra de que um grande numero de canoas, 40 ou 50, cruzavam de Humaytá para o Chaco carregadas de gente, fizeram crer ao marquez de Caxias que os paraguayos effectivamente evacuavam Humaytá.

O marquez julgou quiçá poder fazer em Humaytá o que fez no Estabelecimento e no acampamento de Passo-Pocú, poder-se entrar de roldão e occupar o que os paraguayos abandonavam.

Chegamos ao dia 16.

Desde as 2 da manhan o exercito estava em movimento.

O nosso exercito apenas ás 5 horas da manhan se pôz em marcha ás ordens do general Gelly y Obes, que seguindo as instrucções dadas por Caxias, avançou sobre as trincheiras inimigas, sendo recebido por um fogo nutrido.

Provou isto que os paraguayos estavam prevenidos, e que o ataque levado adiante custaria sangue.

O general Gelly mandou dar conta desta resistencia ao marquez de Caxias, que tinha expedido as suas ordens na crença de que os

paraguayos evacuavam, e o marquez ordenou que não se avançasse, porem que se mantivesse o fogo.

Assim se fez até que as forças da esquerda se retiraram sem perdas sensiveis nem grande novidade.

Enquanto isto succedia na esquerda outra era o caso na direita.

O intrepido Osorio, obedecendo ás ordens do marquez, avançou denodadamente com o grosso da sua divisão, e atacou o primeiro reducto inimigo com duas peças de artilharia grossa.

Quando as forças se achavam immediatas á linha inimiga os paraguayos começaram a retroceder e o ataque por parte dos nossos alliados tornou-se decisivo.

O reducto foi tomado á viva força e os paraguayos desalojados d'elle com grande perda.

Senhor do reducto e da sua artilharia e na primeira linha inimiga, Osorio fez saber ao marquez de Caxias a sua situação.

O marquez, que viu falhar as suas esperanças da evacuação de Humayta pelo inimigo, ordenou a Osorio que se retirasse, e não lhe mandou protecção.

Enquanto este aviso ia, e chegava a ordem de retirada, os paraguayos tinham-se reforçado por essa parte e atacado novamente a Osorio.

A luta travou-se e foi tremenda, como tremenda foi a retirada, na qual fez prodigios o valor de Osorio e dos officiaes brasileiros.

Osorio perdeu varios officiaes do seu estado-maior e entre elles tres dos seus valentes ajudantes. O seu proprio cavallo ficou no campo, e elle retirou-se tendo o ponche furado por mais de uma bala.

Os paraguayos hostilizaram a retirada até onde o permittiu a sua artilharia, pois é a verdade que a cavallaria rio-grandense se conduziu dignamente na retirada.

Os batalhões de infantaria que estavam no ataque daquelle lado soffreram muito; ha batalhões que ficaram em esqueleto.

O ataque de 16 custou muitos officiaes e pelo menos 1,200 soldados.

O exercito argentino não soffreu; a perda é quasi total de nossos alliados, devida na sua maior parte á falta de protecção com que Osorio verificou a retirada por ordem do marquez, e depois de estar no reducto.

A narração do passado de que os paraguayos evacuavam Humaytá, por algumas canoas cruzavam o Chaco, dea logar a que os paraguayos nos causassem dolorosos sacrificios e perdas cruéis.

Cousa mais grave occorre.

Esta malfadada jornada produziu uma grave desintelligencia entre o marquez e Osorio

a ponto que quem se julga informado authenticamente me assegura que Osorio deu a sua demissão e se retirará do exercito.»

»Passo-Pocú, 18 de julho de 1868, ás 6 da tarde.

Tendo sido duas as operações de guerra effectuadas, occupar-me-hei dellas separadamente e pela ordem em que se deram. Começamos pela que teve por theatro os muros e fossos de Humayta.

No dia 15, á tarde passou-se um soldado paraguayo da guarnição de Humayta; como é pratica foi levado á presença do marquez. Ninguém soube nessa noite, com excepção de Gelly, o que declarou o passado; mas o facto é, que durante toda noite sentiu-se um movimento extraordinario em todo acampamento brasileiro, fazendo-se ao mesmo tempo grandes preparativos como para um ataque.

No dia seguinte, no dizer de todos ja não era mysterio que uma columna brasileira, do mando do bravo, entre os bravos, general Osorio, composta de tres armas, e de força de cerca 10.000 homens, devia operar um ataque, disfarçado hoje com o nome de reconhecimento, sobre a parte mais entrincheirada de Humayta, ao passo que o exercito argentino, ás ordens do general Gelly, devia operar outro reconhecimento pela esquerda.

A' hora indicada o general Osorio se atirou sobre o triangulo com um arrojo digno deste chefe, que tanta gloria tem adquirido nesta campanha. As difficuldades materiaes do terreno eram immensas, principalmente para a cavallaria. Com tudo ella as ia vencendo resolutamente, avançando até a borda dos fossos que defendiam essas tremendas posições.

Os batalhões 38 e 39, que iam na vanguarda da columna de ataque, chegaram até junto de um dos reductos do triangulo sem serem hostilizados pelo inimigo até esse momento; mas quando estavam a curta distancia, os paraguayos dando gritos selvagens, romperam um fogo espantoso de metralha e fuzilaria, que no primeiro instante causou certo abalo nos dous batalhões.

Então Osorio, comprehendendo a difficuldade da situação, mandou avançar outros dous batalhões do 1º corpo do exercito brasileiro animando a todos, e carregou novamente sobre o reducto que tomara por ponto de ataque. Desde esse momento a luta tomou um caracter terrivel. Uma bala de canhão matou o cavallo do heroico general brasileiro, ao mesmo tempo que um de seus ajudantes cahia morto a seu lado.

Poucos momentos depois do travado este sangrento combate, Osorio conseguiu appos-

sar-se do reducto ao qual subiu sobre um montão de cadaveres em que estavam misturados os de seus soldados e os do inimigo. Nesta situação pede immediatamente ordens a Caxias que estava á retaguarda com todas as reservas: faz saber que hasteou suas bandeiras em uma bateria inimiga, pede que lhe mande reforços para sustental-a afim de não malograr-se a victoria comprada á custa de não pouco sangue.

Caxias ordena que se retire e abandone a posição conquistada.

Ao transmitir Osorio esta ordem aos seus soldados, uma confusão espontanea invadiu as fileiras dos assaltantes, que ao começar a retirada sentiram pelas costas o canhão que troava lançando nuvens de metralha que os ia sepultando por centenas; ouviram? por centenas. Debalde Osorio, que ja havia perdido o segundo cavallo e mais dous de seus ajudantes, mortos a seu lado, que vira cahirem em torno de si quasi todos os que compunham o seu estado-maior, tratava com indomavel arrojo conter os seus soldados. Baldo esforço!

As sombras da morte envolviam naquelle instante a columna brasileira, cujos soldados cahiam moribundos ao écho estrepitoso do canto de victoria entoado pelas hordas paraguayas. Dous batalhões inteiros foram quasi destruidos em menos de quarenta minutos, deixando no campo chefes, officiaes e soldados.

As perdas dos brasileiros nesta terrivel jornada chegam, pelo menos, a mil homens quasi todos mortos, porque nesta sorte de combates, em uma retirada desordenada não ficam muitos feridos, mas em compensação deixam-se mortos aos centos.

Não ha um só homem que não teça os mais entusiasticos elogios ao procedimento do bravo general Osorio; cuja imponente figura se destaca daquelle quadro de fogo e sangue illuminada pelos raios da gloria! Depois do revez que acabo de noticiar, sentido por lhe não terem mandado reforços, consta que Osorio disse que não queria continuar mais no exercito.

No mesmo dia em que Caxias concebeu o plano de ataque sobre Humayta, soube que o inimigo havia construido no Chaco uma nova bateria, que surgia á retaguarda da columna alliada que alli temos, e que, segundo penso, foi mandada ao matadouro.

Deu-se ordem para que a bateria fosse atacada. Effectivamente esta manhou o general Rivas, de accordo com o general brasileiro que está no Chaco, ordenou ao intrepido coronel D. Miguel Martinez de Hoz que atacas-

se a bateria. Para ahi chegar era preciso atravessar uma pequena ponte do lado opposto, da qual se avistavam forças paraguayas. Martinez marchou levando uma columna composta do batalhão *Riojano*, ao mando de Gaspar Campos, oitenta homens das avançadas, e um batalhão de infantaria brasileira.

Ao vel-o avançar, os paraguayos marcharam para a ponte, com intenção, sem duvida, de disputar-lh'a. Martinez, porém, contando com o arrojo de seus soldados, avançou resolutamente, arrojou os paraguayos ao outro lado da ponte, matou cerca de cem homens e fez varios prisioneiros.

Até aqui tudo ia muito bem: mas repentinamente a columna de Martinez se vê atacada por forças muito superiores em numero, e então travou-se um desses combates cujos pormenores fazem estremecer.

O batalhão *Riojano*, tendo á frente o seu intrepido chefe, bate-use a pé firme contra um inimigo quatro vezes superior, e viu cahirem mortos esse mesmo chefe, seus officiaes e soldados.

O revez não podia ser mais doloroso! Custou-nos cerca de 300 homens fora de combate e outro tanto aos brasileiros, e comtudo o que ainda é mais para lamentar é contarmos entre os mortos dous heróes, dous amigos queridos—Miguel Martinez e Gaspar Campos.

O combate do Chaco custou-nos varios officiaes, alem dos chefes Campos e Martinez de Hoz, e cerca de 500 homens, dos quaes 200 argentinos e 300 brasileiros.»

N'uma carta escripta do exercito lê-se o seguinte paragrapho:

«O 4.º batalhão de linha brasileiro não tem hoje senão dous capitães; os officiaes e quasi todas as praças foram mortas. Este batalhão tinha 28 officiaes e hoje tem 2!»

Houve batalhões que tendo 500 praças, ficaram reduzidos a 80 e menos!»

—E foi por tão tristes noticias que se atirou tantos foguetes, os navios enbandeiraram e houve tanto alvoroço?

—Não; chegou o presidente Martins.

—Ah!.... é verdade, eu não me lembrava que ante a aureola do poder que circunda a fronte do novo Messias que vem redimir esta terra, esquecem-se as desditas da patria.

—Haverá despotismo maior?

—Pergunta bem a quem não lhe sabe responder.

—Recrutar-se um homem e indo seu pai vel-o, ser tambem preso e mettido n'um tronco de pescoco para prival-o do tratar da soltura de seu filho?

—E' tyrannia inaudita!

— Pois isto deu-se no dia 24 do passado, com Francisco Antonio da Silva, morador na freguezia do Bom-jardim, maior de 70 annos, casado, com tres filhas honestas, tendo por unico arrimo a seu filho Manuel Quintino da Silva.

O rapaz foi a negocio á freguezia do Coração de Maria e abi foi recrutado.

O pobre velho sabendo que o filho estava preso, foi vel-o e la chegando, foi pelo commandante do destacamento o alferes Antonio da Motta, mettido n'um tronco, donde so foi solto depois que o filho seguiu para a capital; de sorte que quando o pae aqui chegou para reclamar a soltura de seu filho, seguia elle no *Guará* para o Sul.

— Que crueldade!

— E dizem que somos regidos pelo melhor systema de governo do mundo, quando se trucida assim a liberdade individual, pela leve suspeita de que o cidadão na ultima eleição não deitou na urna a chapa que lhe deu o mandão da localidade.

LA VAE VERSO.

Motte do Dr. Espiga.

AMOR É MAU COM CIUME

Gordura de moça é feia
Quando faz grande volume;
Manteiga rançosa fede;
Amor é mau com ciume.

O tempo de inverno é triste
P'ra quem não se aqueça ao lume;
A noite de escuro é feia;
Amor é mau com ciume.

Nas aulas, nos botequins,
Não ha rapaz que não fume;
Abob'ra cosida engorda;
Amor é mau com ciume.

A creoula Maricota
Tem olhos de vagalume,
Zangada maltracta a gente;
Amor é mau com ciume.

Não ha velhaco hoje em dia
Que nos cofres não se arrume;
Gaveta sem chave é peta;
Amor é mau com ciume.

Ja subi da fama a serra,
Stou quasi tocando ao curme;
Quem deve gazetas pague;
Amor é mau com ciume.

A gordura da Mafalda
Parece pipa ou volume;
Tanta carne assim empata....
Amor é mau com ciume.

Gente gorda com calor,
Mostra logo um azedume,
Catinga de saia é peste;
Amor é mau com ciume.

A lingua da Adelaide
De navalha tem o gume;
Não ha *patação de sola*;
Amor é mau com ciume.

Á PEDIDO.

— Novidade. novidade.

— Temos alguma fazenda barata para vender, alguns pentes de marfim?

— E' outra cousa.

— Será então moedas de prata e ouro que é o que hoje está muito escasso no mercado?

— Não é essa a novidade?

— Então qual é?

— Foram apresentados pelo partido conservador para juizes de paz da freguezia do *Segura-parede* quatro caracteres *distintos*, nos quaes sobresahe um alferes maluco.

— São quatro vultos *proeminentes* da freguezia, que o partido conservador os apresenta.

— E' assim que os conservadores onde endireitar aquella freguesia, segundo havia dito antes de subirem ao poder.

— E não é endereitar, escolhendo um maluco para juiz de paz?

PARA JUIZ DE PAZ DO CURATO DA SÉ.

O Capitão Jovino Cezar da Silva.

Um votante.

VARIEDADES.

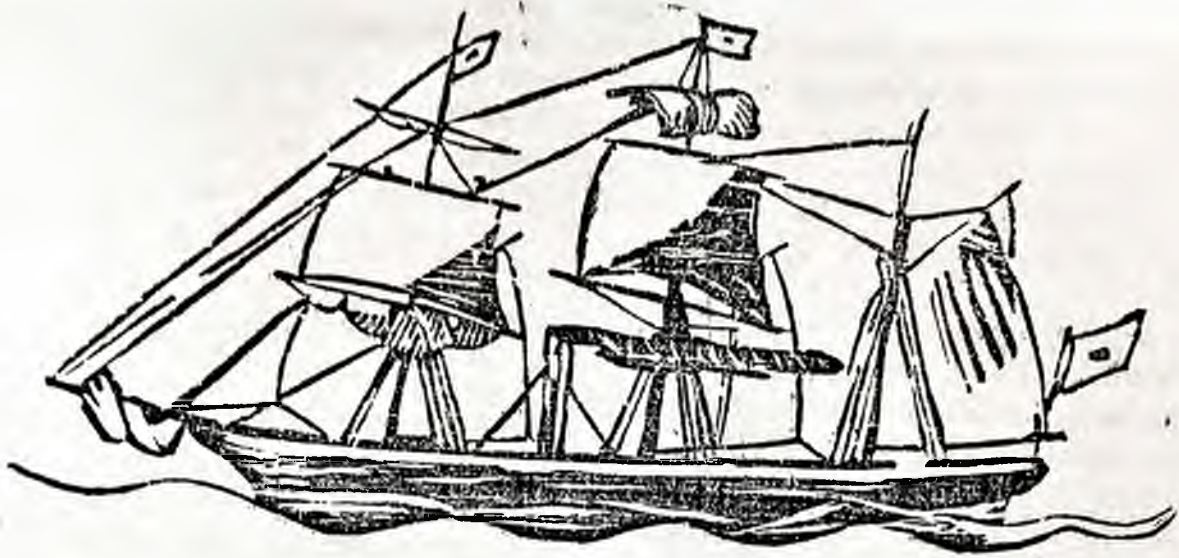
CARIDADE.

E' esse balsamo, que consola a quem dá e á quem o recebe, e que se envolve no segredo como o diamante precioso se esconde no centro da terra.

A caridade não quer vans ostentações. Não procura a luz. Quanto mais se concentra e occulta, maior é o seu valor. Filha do ceu, só alli quer brilhar: o mundo desbota-lhe as cores. A vista dos homens offusca-lhe esses fogos celestes, que só no segredo maiores se mostram; assim como a luz mais fulgura no centro das maiores trevas.

— Um bobo bem quisto do seu rei e por conseguinte muito adulado pelos cortezaos, dizia mui discretamente:

— O que é a gloria! Si eu não fosse um homem tão pequeno, ninguem conheceria que sou um grande homem.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 40.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

8 AGOSTO DE DE 1868.

N.º 395.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
7 de agosto de 1868.

Officio á empreza da limpeza da cidade, dizendo-lhe que mande apanhar uma porção de farrapos das colxas de palacio. que andam atirados pela rua Direita de Palacio, e que foram arrancados das mesmas colxas pelo muito vento que houve hontem.

—Todos os dias repetem-se os casos desagradaveis pela imprudencia dos carroceiros. e a policia não toma uma medida energica para evital-os.

—Quando se der algum desastre, ha de apparecer prevenções.

—Ainda ante-hontem houve um conflicto grave, por haver um destes desalmados offendido com a ponta do mangoal a um respeitavel negociante que descia o Taboão.

—Os carroceiros, que conduzem materiaes, usam de compridos mangoaes para fustigarem os animaes, os quaes, sobrecarregados de enormes pesos, só os arrastam pela força do castigo; mas sendo tão extensos esses instrumentos, acontece que pelo pouco cuidado com que são manejados, vão offender a quem passa, e d'ahi originam-se taes conflictos, alguns bem serios, como esse do Taboão.

—Para despertar os animaes não é preciso mais que uma ou duas correias engastadas

n'um pequeno cabo de pau, de sorte que se prestem a instigal-os sem offender a quem transita.

—Si tomassem essa providencia, conseguia-se dous fins: menos selvageria para com os animaes, e mais cautella para que quem socegada e tranquillamente vae seu caminho, não fosse maltratado pelo chicote dos carroceiros.

—Va esperando por isso.

—A posse do Exm. barão de S. Lourenço foi debaixo de todas as etiquetas do estylo.

—E concorredissima.

A praça encheu-se de espectadores.

—Distribuiu-se uma proclamação, na qual S. Ex. mostra muitos bons desejos para com esta terra de seu nascimento.

—Deus o permita que elle o realise.

—Antes de hontem a noite a creoula Umbellina, conhecida por *Casadinha*, travou rasões com um sargento da Sé de nome Gregorio, seu *conhecido* e passou-lhe a navalha com tanta gana que quasi o manda para a contracosta.

Recolhido ao hospital, foi d'ahi levado por seus companheiros para sua casa de morada.

—Amisade que maltrata, diabos a leve.

—A aggressora acha-se na Correcção sofrendo as consequencias de sua excessiva *força de genio*.

—Pifões, pifões é que causam tudo isso.

LA VAE VERSO.

O imposto pessoal
É de certo invenção guapa,
Pagam uns, outros pexinxam;
Quem tem seu padrinho escapa.

Certo cofre da Bahia,
Soffreu bem grande sulapa,
Tapou-se depressa o furo;
Quem tem seu padrinho escapa.

Entra um rato no thesouro,
Cobre, papel, tudo rapa,
Si o furto é grande, reparte;
Quem tem seu padrinho escapa.

Tenho feito, meu caderno
De ladrões um grande mappa;
Furtar sem letrado é peta,
Quem tem seu padrinho escapa.

Quem luxos faz sem poder
De velhaco tem a capa;
Dos calotes vae vivendo;
Quem tem seu padrinho escapa.

Cavallo de estribaria
Engorda bem com garapa;
Ministro pobre... é historia;
Quem tem seu padrinho escapa.

Quem tem dinheiro bastante,
Da justiça a bocca tapa,
Matando nunca tem crime;
Quem tem seu padrinho escapa.

Á PEDIDO.

PASSATEMPO POLITICO.

I.

Oh vaidade! só tu podes esconder as nossas misérias e parvoíces; so tu, porque podes muito, és capaz de fazeres com que o preto fique branco e vice-versa, sem pedires licença a sciencia e as artes!

E por isso pode dizer o fatuo, senhor de si e cheio de vento:

Quero viver sempre assim:

Eu so vivo para mim. . . .

Esquecido o homem do seu ser primitivo, é quasi sempre, propenso a *idolatria* e nenhum idolo é mais poderoso do que a *deosa politica*, representada pelos partidos nestas figuras de papelão, de pau, de pedra, de barro, de lama e de outras substancias amoldaveis e maleaveis, que apparecem e desaparecem da scena, ou pelo capricho do tempo, ou pela ambição dos homens.

É dahi que nascem ou apparecem os *abyssinios*, os *japonezes* e os *israelitas*: os primeiros para *apedrejarem*, e os segundos para *idolatrarem* e renderem culto a seus *deoses*. Te-

mos infelismonte entre nós muitos *abyssinios*, muitos *japonezes* e muitos *israelitas*: os *japonezes* adoram cegamente o seu deus *Juggernaut*, deixando-se morrer debaixo das rodas do carro em que o levam em procissão, e fazem este penoso, mas voluntario sacrificio, para alcançarem o reino do ceu; outros mandam ferir cruelmente seus corpos e depois de bastante ensanguentados são suspensos por compridas cordas, para assim dependurados renderem culto a tão cruel e abominavel idolo.

Antigamente os *israelitas* adoravam no cativeiro a *Priapo*, a *Bualfezor*, a *Astaroth*, *Artarthe*, e a *Maloch*, a quem sacrificavam até crianças; mas Deus para punil-os mandava sobre elles os mais severos castigos talvez o povo brasileiro esteja no mesmo caso; porque Deus tambem para castigar-nos deu-nos uma guerra devastadora, que ameaça engolir-nos n'um abrir e fechar de olhos; e parece que não satisfeito com isto, abi surge um *partido* que, segundo a tradição, so sabe governar com ferro e fogo!

Estamos por tanto em uma completa *balburdia*, depois que o partido progressista apagou o fogo de suas caldeiras governamentais.

Neste *fervel opus* ja vão apparecendo certos factos, que mostram que temos de passar por alguma cousa.

Tiraram o sino grande de uma das torres da imprensa — o *Diario* — e deixaram o sineiro com o badalo na mão!

Esta mudança foi operada com tanta *sofreguidão*, que nem se lebraram que o sino tinha *badalos*.

O partido *progressista* mascarado hoje com a *mascara liberal*, está montado no cavallo da imprensa, depois de haver consultado por largas horas a um dos mais celebres *theologos* do nosso tempo de origem *grega*, que com uma milagrosa *maromba* de chumbo, tem alcançado tudo quanto é *em politica*.

Feliz de quem Deus quer bem.

Mas tudo passa.

Ahi vem o S. Lourenço, o milagroso santo dos *ventos*, para deitar um pouco d'agua fria por sobre tudo isto e arranjar a *politica conservadora* em prosa e verso.

Este santo, (o S. Lourenço) como todos sabem, é pau para toda obra e ja passou aqui

Vida folgada e milagrosa. . . .

Comeu, bebeu, dormiu e acordou.

Agora vem elle dar a ultima de mão no quadro do seu *futuro* nesta feliz terra que o viu nascer

Nesta terra de bananas,
De vatapá e angú,

De moquecas e batatas
De tabocas e bambù.

(Continua.)

—E' certo que o Fausto atirou foguetes com a chegada do barão de S. Lourenço?

—Vinte e cinco duzias, dizem.

—Entenda-se lá semelhante gente!

—Porque?

—Pois o homem dos festins populares pelas boas noticias da guerra, que foi até buscar o caboclo na Lapinha, é o proprio que no dia em que o espirito publico lucta na incerteza da triste nova de um destroço, atreve-se a atirar foguetes!

—Não lhe enterrompendo, V. me diz que fructa é essa chamada spirito publico em nossa terra?

—Não metta o caso a gracêjo, e me diga o que conclue d'ahi.

—Ora o que é que eu hei de concluir? Si não houvesse *pau para toda obra* certas cousas deixavam de se fazer.

—V. me diz qual é a politica do Vital?

—E' a progressista. Não o viu defender na assembléa o Azambuja.

—Mas disseram-me que elle agora é conservador.

—Eu o vi hontem entrar em palacio na occasião de tomar posse da presidencia o barão de S. Lourenço, e demorar-se muito tempo lá dentro.

—Pode ser que chegasse á tempo de virar a casa, quem sabe!

—Esses politieos de *maromba!*

MOTTE

No regimento de Marte,
Cupido toca tambor

GLOZA.

Ganha ahí a prima parte
O fero Deus da traição,
Pois é elle capitão
No regimento de Marte.
Dotado de genio e arte
Mette aos outros so terror;
E' tambem habil major
O destro deus do engano;
Toca corneta Vulcano
Cupido toca tambor.

PERGUNTA INNOCENTE.

Como consideremos hoje, como sempre, o Sr. coronel Lourenço de Souza Marques um homem politico, e ignoramos a que partido S. S. pertence actualmente, desejavamos que dêsse-nos *um ar de sua graça*, afim de saber-

mos o que é S. S. em 68, visto que em 67 já não foi o mesmo de 63.....

O curioso.

Chama-se a attenção de quem competir, para o procedimento irregular de certos moços que moram em uma casa nobre, cujos fundos dão para a Estrada Nova e a frente para o Pelourinho; os quaes todas as tardes divertem-se em atirar pedras em quem passa pela estrada, resultando de tão desasado brinquito, o levar uma pedrada uma pessoa que por alli desapercebidamente passava um dia destes.

E para que não se reproduza uma *graça*, que pode ser prejudicial, pede-se a quem competir que tome providencias para que não continue.

O offendido.

—Eu sou um professor que entendo tanto de grammatica, como um burro de fazer casacas.

Quiz estudar um pouco para o commercio; mas depois de tres mezes conheci que quem não é para as cousas, não se metta nellas.

Vaguei por Montevideu, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e nunca pude me aboletar, até que vim esbarrar a esta terra de papalvos, que engole tudo quanto é carapetão, e abrí uma casa de instrução, precisando eu ainda de instruir-me. A esta casa cabia bem o nome de aula de neccedades, por que eu faço quanta asneira me vem a cabeça. Ainda outro dia queria explicar um ponto da Historia do Brasil, e fiquei tão embaraçado que ordenei aos discipulos que fechassem os livros, por que eu não podia com a zoadada dos assobios (era no sabbado de Ramos.)

Ja sinto por ahí murmurarem—e o que faz o *director do ensino?*

Ora bem bello! O director anda azafamado conduzindo o internato para o barracão da *Estrada Velha*, e ainda que não estivesse, bem se sabe que este torrão é a terra classica da protecção aos estrangeiros, os quaes passam vida de *Lopes*; em quanto os patricios se quizerem passar vão cavar barro.

PARA VEREADORES.

1.º Barão de Saubipe.

2.º Barão de Matoim.

3.º Dr. Rego—Pae.

4.º Commendador Joaquim Torquato Carneiro de Campos.

5.º Commandante superior Joaquim Antonio da Silva Carvalhal.

6.º Dr. Antonio Euzebio Gonsalves de Almeida.

- 7.º Elpidio da Silva Barauna,
8.º Dr. José Luiz de Almeida Couto.
9.º Coronel José Lopes Pereira de Carvalho.

Motte

*No trapiche d'amisade
Quebrou o barril amor.*

GLOZA.

A tão pura lealdade,
Cabiu aos golpes da parca;
A trahição ja desembarca
No trapiche d'amisade.
Hoje tudo é falsidade,
A razão não tem valor,
Perdeu Diana o pudor,
Protestou jamais ser pura,
Na praia da desventura
Quebrou o barril amor.

MOVIMENTO DO PORTO

Ilhas Calsadenses, pelo porto do *Canta gallo*, galera S. Francisco, de 320 tons., capitão *Cuspo-Cuspo*—2 volumes arreios para um ginete, 4 caixões preparativos para exercícios gymnasticos, 2 brochuras compendios para ensinar a montar cavallos e não levar 11 quedas.

VARIÉDADES.**REQUERIMENTO IMPORTANTE**

Illm. e Rev. Sr. Fr. Agostinho.

Diz Manuel J. da C. F. que casando-se com Maria Francisca, enganado, na freguesia de N. Sra. do Rozario do Orobó, sem conhecer quem ella fosse, só por informação do Vigario Manuel Ferreira Pacheco, da mesma freguesia, que disse ser ella muito capaz, e fiando-me no dito Vigario, elle mesmo ajustou o casamento na sexta feira com a malvada, e sabado cazou-me com ella sem correr banho algum, tudo fóra da lei, porque se elle corresse os banhos, eu que não a conhecia, perguntaria a quem a conhecesse para me darem noticia da má fama della, pois que era uma malvada e deestrada, que estava com seu amasio em casa, e era de quem queria; não me casaria com ella se me informassem quem fosse a tal dita, mas só depois de casado é que soube quem ella era: — ella que só viveu commigo, um mez, fugiu no fim d'elle e esteve separada de mim 5 mezes: quando teve lugar a Santa Missão no Rozario, que V. Rev. tambem foi, lá Fr. Paulo mandou chamar ella a sua presença para lhe dizer que fosse viver commigo e eu com ella, eu como sou temente a Deus per-

doei a falsidade que ella me tinha feito, e ella só viveu commigo mais um mez, e fugiu outra vez com o amasio d'ella; e assim rogo a V. Rev., pelo amor de Deus, dispensa para eu casar-me com outra, visto estar isto tudo nullo: por tanto

Pede a V. Rev. para despachar
á petição o que pede.
E. R. M.

BOA LICÃO

Um estalajadeiro, diz um jornal hespanhol, foi esta quaresma confessar-se ao mesmo padre que o ouvira de confissão o anno passado.

Havia o confessor perguntado ao penitente se elle costumava untar os dentes aos cavallos dos viajantes que pernoitavam em sua casa, para que não comessem a cevada, o penitente respondeu que não.

Mas estes anno foi o estalajadeiro o primeiro a accusar-se de semelhante peccado.

— Então, perguntou-lhe o padre, porque motivo praticaste essa fraude, quando o anno passado me disseste que nunca tal peccado havias commettido?

— E' porque até que V. Revm. m'o ensinasse eu não o sabia.

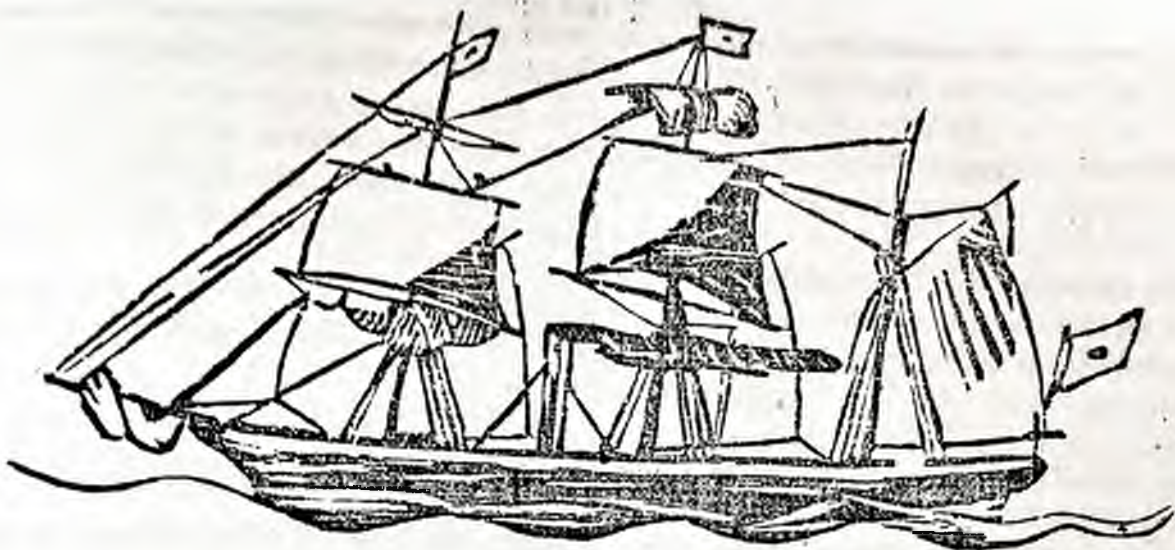
Um medicio que estava tratando um doente, depois de applicar diversos remedios sem conseguir melhora, deliberou-se a mandar sangrar o enfermo; ao que observou-lhe a mulher do mesmo:

— Sr. Dr., não acha que para sezões a sangria deve ser nociva?

— E porque não me disse a mais tempo que o que seu marido tinha eram sezões, replicou o medico.

ANNUNCIOS.**IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.**

Em virtude de não ter comparecido numero sufficiente de Srs. socios, no dia 2 do corrente, para serem lidos e disentidos o relatório do conselho e o parecer da commissão de contas do trimestre findo, de novo convidando-os, de ordem do conselho, a reunirem-se em assembléa geral, no domingo 9 do presente, ás 11 horas do dia, a qual funcionará com o numero de Srs. socios que se apresentarem, além dos de que compõe o conselho, segundo dispõe o art. 34 dos estatutos. Bahia 6 de agosto de 1868.—A. Ricardo, 1.º secretario.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 10.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

9 AGOSTO DE DE 1868.

N.º 396.

O ALABAMA.

HUMAYTA CAHIU!!

Prestes está a soar o verbo final da guerra emprehendida contra o tyranno governo do Paraguay.

Humayta, a Sebastopol americana, ultima esperanza do inimigo, desde 25 de julho que cahiu sob o poder das forças alliadas!

E' possuidos do mais frenemte enthusiasmo que reproduzimos essa immorredoura nova, que circulou hontem electricamente por todos os angulos desta capital.

A Bahia, a provincia que mais tem concorrido para o desagravo completo da honra e dignidade nacional, orgulha-se por este feito heroico, por este grande e esplendido triumpho, cujo consecario infallivel é a terminação honrosa da lucta que ha quatro annos sustentamos.

Tantos sacrificios, alem da justiça da causa, deviam ser coroados pela Providencia, que vela sobre os destinos do imperio do Cruzeiro.

Eis, em resumo escasso, o que diz o boletim do *Jornal do Commercio*, que temos a vista:

»Os paraguayos, no extremo arranco da fome e do desespero, evacuaram a fortaleza e retiraram-se para o Chaco, deixando grande quantidade de artigos bellicos,

Abi estão sitiados em frente pelos alliadas

ao commando do corodel Rivas, e abaixo e a cima pela nossa esquadra.

O marquez de Caxias, reconhecendo o desespero da posição em que se acham, mandou por momentos cessar o fogo, intimando-os a que se rendessem.»

A explosão de contentamento que prorompe de nosso coração por tam brilhante nova embarga-nos a penna de escrever mais.

Certas commoções sentem-se, mas não se descrevem.

A cidade está em completa ebolição de prazer e alegria.

O sentimento sopeado, a tanto tempo, por falta de noticias lisongeiras, rebenta de um modo surprehendente.

Nos ares atroam incessantemente immensas girandolas de foguetes.

O povo, de todas as hyerarchias sociaes, que percorre as ruas ao som de musicas marciaes, é immenso.

Quasi todas as casas poseem luminarias.

Até a igreja mostrou regosijo pelo espique dos sinos.

Viva a religião do estado.

Viva a nação brasileira.

Vivam o exercito e armada imperiaes.

Viva S. M. o imperador.

Viva o patriotico povo bahiano.

Accrescentamos agora:

Participação official do ministro brasileiro em Montevideo:

«Illm. e Exm. Sr.—Com tres partes do

mais vivo jubilo apresso-me a communicar a V. Ex. que no dia 25 do corrente cahiu em poder dos alliados a famosa Humaytá com toda a artilharia e grande copia de petrechos bellicos.

A sua guarnição, forte de 4,000 homens, morreu ou rendeu-se.

Incluso achará V. Ex. o telegramma que fiz logo publicar, pelo qual nosso enviado extraordinario em missão especial deu a faustissima noticia de tão glorioso acontecimento.

S. Ex. o Sr. presidente da republica mandou logo o seu secretario particular felicitar-me por tão brilhante victoria das armas aliadas.

Reina aqui o mais vivo enthusiasmo.

Afim de que o governo imperial receba com a maior presteza noticia de tanta magnitude, resolvi que partisse sem demora para essa corte em um dos vapores da estação imperial nestas aguas o secretario interino desta legação, Sr. Almeida e Vasconcellos, portador deste officio.

Congratulando-me, pois, com o governo imperial, e rogando a V. Ex. haja de em meu nome beijar a mão de suas magestades e altezas imperiaes por tão esplendido triumpho da mais justa das causas, prevaleço-me do ensejo para reiterar a V. Ex. os protestos de minha mais subida consideração.—Antonio José Duarte de Araújo Gondim.

AS PROFISSÕES.

Todas as profissões teem seus perigos.

Si o pedreiro correndo sobre os telhados está exposto a escorregar em as telhas e ardozias, o estudante de medicina pode morrer ferindo-se em uma lanceta mal limpa.

Si o pintor de navios pode ter uma vertigem em o seu andaime, o gravador perde a vista, e o escriptor esta sujeito ás fadigas do cerebro e as desordens do espirito...

O mineiro vive cercado de mil perigos.

O bombeiro expõe-se ao fogo para salvar a vida e a propriedade do proximo.

Assim como na religião, na sciencia e na industria, as profissões manuaes teem tido martyres em todos os tempos.

Plinio, o moço, no anno 69 da nossa era, approximou-se do Vesuvio para melhor observar-o, e foi suffocado pelas chamas.

O engenheiro Lebon, que aperfeiçãoou o gaz, cahiu em os Campos Elysios, aos golpes d'aquelles a quem roubava o beneficio das trevas, allumiando as ruas publicas. Foi um martyr do progresso!

Em as epidemias teem succumbido, exercen-

do a sua profissão, mais de um medico, martyr de sua dedicação.

O RISO.

O riso ou é espontaneo ou obrigado.

Ou é puro, ou contrafeito.

Rimo-nos a cada momento por tempo, por uma pessoa, por qualquer cousa.

Fingimos rir por uma graça; rimo-nos de prazer, com constrangimento, por acompanharmos uma sociedade, com fingimento, e temos o riso do odio e o riso sardonico.

Democrito ria-se de tudo.

Certas hordas de gentios riem-se loucamente nos banquetes que dão quando morrem algumas de suas tribus.

A duquesa de Montpensier ria-se à lembrança de um dia poder assassinar Heurique 3.º

La Rochefoucauld ria-se sardonicamente quando premeditava uma vingança.

A virgem ri-se em seus sonhos amorosos.

Tambem se ri ao desfolhar uma flôr, á lembrança de um futuro dia de felicidade.

O louco ri-se sem saber de que.

Clotario II, riu-se ao saber do supplicio da rainha d'Austrasia mulher de Sigisberto.

Em um baile o riso é constante em todos os semblantes.

Frederico II. estava constantemente rindo-se.

As mães riem-se constantemente ás meiguices de seus filhos.

Os sabios riem se de commiserção pelo pedantismo dos charlatães.

Os scribas e phariseus riram-se de contentamento ao ser Christo condemnado.

A filha de Herodes ria-se ao pedir a cabeça de S. João Baptista.

A viava de Naim riu-se de prazer quando Christo resuscitou a seu filho.

O infante ri de qualquer cousa.

O traidor ri-se ao commetter a traição.

Judas dando o osculo a Christo ia com o riso nos labios.

O riso é a expressão pura do contentamento.

Tambem o riso encobre a maldade.

O seductor ri-se quando ha enganado a incauta victima que arrastou a perdição.

O mal de S. Guido obriga o paciente a rir sem querer.

O poeta sentimental é raro rir-se.

Quasi todas as estatuas tem o semblante risonho.

O riso é uma distincção dos labios, ou seja espontaneo ou forçado.

O riso é bello para o amante a quem é dirigido.

O riso é terrível quando sarcasticamente é comprehendido.

Riso, sorriso, risada, gargalhada são synonymos que predizem alegria, o jubilo, o prazer, a ventura quando é natural.

B. C. Demon.

Á PEDIDO.

—Era uma linda noite de luar do mez de janeiro do anno passado.

De volta de um passeio que havíamos feito a tarde a um dos pittorescos arrabaldes desta cidade, encontramos, as onze horas e meia da noite, sentada em uma soleira, tendo juuto de si uma linda criança, que representava ter quando muito tres annos de idade, e de uma preta, que em pe a acompanhava, uma moça que logo nos reconheceu.

Paramos admirados de a ver nesse lugar a taes deçhoras sem mais outra companhia que essa que acabamos de mencionar.

—O senhor me poderá informar, nos perguntou ella, onde fica aqui a rua de...

—Não está muito longe, lhe respondemos nós; mas seremos por ventura indiscretos, se nos atrevermos a perguntar-lhe o destino que a leva a estas horas, em um logar tão remoto de sua residencia?

Reconhecemos que esta pergunta a tinha posto em embarços, e logo nos arrependemos de nossa indiscripção.

Todavia, si bem com difficuldade, ella nos redarguiu:

—Procuo a casa de uma minha prima, que me dizem morar nessa rua.

—É difficil, lhe tornamos nós, saber agora ao certo a sua residencia; si ao menos soubessem o numero; mas porque não guarda esse passeio para amanha.

—Amanhan? nos disse ella, mal podendo conter as lagrimas; e onde passarei esta noite?

—Como?... e seu marido?

—Meu marido, oh! meu marido é um mau homem; sim, o senhor o conhece; acaba de me lançar fora de casa, a mim e a este pobre innocente, que não tem culpa dos desvios de sua mãe.

Abandonada e sem um abrigo onde acolher-me, lembrei-me dessa parenta, dessa boa amiga, que nunca me despresou em outros tempos.

—É porque motivo, a interrompemos nós, elle assim praticou com a senhora?

—Ab! senhor, intrigas, intrigas de uma mulher em quem eu confiava, e que talvez com vistas em meu marido, acaba de denunciar-lhe que eu amava outrem... mas eu affirmo... juro...

—Basta, senhora, não é preciso tanto; mas quer acceitar o meu conselho?... de quem é essa preta que vac em sua companhia?

—Esta rapariga é de uma visinha, que com pena de mim, me mandou para acompanhar á casa de minha prima. Ja estou tão cansada...

—E si a senhora não encontrar a casa dessa sua prima? Olhe é melhor voltar, e recolher-se a casa de sua visinha; talvez que amanha seu marido melhor informado...

—Oh! não; meu marido... nunca, nunca mais quero vel-o. Acceito o seu conselho quanto a pedir uma pousada em casa da minha visinha; mas amanha... tomarei outro rumo.

Proseguimos o nosso caminho, e la ficou ainda sentada essa moça, em cujo semblante debulhado em lagrimas ninguem deixaria de ler a innocencia de seu sentimento nem a pureza de seu coração.

Essa moça era—Henriqueta.

(*Continúa.*)

VARIÉDADES.

INDUSTRIOSOS

Le-se n'um *Jornal* portuguez:

Um d'estes dias succedeu um curioso facto. Albino de tal, moço de um padeiro de Valongo, acabara de fazer a distribuição do pão pelos freguezes, e tratava de regressar a casa de seu amo.

Vinãa elle socegadoamente por Massarelos a diante, quando foi abordado por um desconhecido que travou com elle o seguinte dialogo:

—Vocemecê é de Valongo!

—Sou, sim senhor.

—Então ha de fazer-me um favor!

—Diga la.

—Levar-me um recado ao Bernadino, padeiro. Conhece-o?

—Como os meus dedos.

—Que é isto! Esta exclamação fôra feita pelo desconhecido, que continuando a andar, se abaixara e apanhara um pequeno embrulho de papel.

Abrindo-o apparecou uma libra falsa que parecia verdadeira. Aos olhos do boçal rapaz era-o effectivamente.

—Vamos a ver si é boa, disse-lho o desconhecido.

E chegando mais adiante dirigiu-se a um individuo que estava parado junto a esquina da rua da Restauração:

—Faz favor de me dizer si esta libra é boa?

—É sim senhor. Quer que lh'a troque?

—Nada, não senhor, muito obrigado,

E juntando-se ao moço padeiro, disse-lho em voz baixa:

— Vocemecê leva ahí quatro meias coroas?
 — Levo, levo, sim senhor.
 — Pois de-m'as ca e guarde esta libra; dou-lhe o resto para si. Em paga ha de procurar-me o Bernardino, e dizer-lhe que o José Antonio anda ca desesperado lá espera da encomenda que elle ficou de lhe mandar.

— Direi tudo o que vocemecê quizer, disse o rapaz, desbarretando-se humilde e gratamente. E fique-se na graça de Deus.

Separaram-se o rapaz, ao chegar a Batalha, entrou n'uma loja a trocar a libra para repor no sacco respectivo as quatro coroas e guardar o resto do dinheiro para si.

Ficon passado quando o dono da loja lhe disse que a libra era falsa.

Entrou em outra loja, depois em outra, e por fim entrou na quarta loja. Obteve sempre a mesma resposta: *Esta libra é falsa*

O pobre rapaz arrepellou-se Não bastava ter do pagar as quatro meias coroas... 2 $\frac{1}{2}$ reis, ainda tinha talvez, de levar grande sova de seu amo, que não é para graças.

Segundo nos consta, andam muitos dos taes industriosos pelas margens do Douro a ver se exploram os basbaques d'aldeia, que andam ali sempre a ver navios.

— Por ca ainda não ha destes; mas.

SO FALTAVA TAMBEM UM BOTICARIO

Um medico, installado recentemente n'uma casa das principaes ruas do Paris, foi ha pouco visitado por um desconhecido, que se lhe apresentou com os modos mais delicados.

— Cavalheiro, disse o desconhecido para o medico, na qualidade de visinho, tomo a liberdade de vos vir visitar.

— Com muito gosto, respondeu o medico inclinando-se. Agora estimara saber, si em alguma cousa lhe posso ser util.

— Agradeço e acceto, tornou o desconhecido. Eu estabeleci-me ha pouco nesta casa, e preciso de quem me recommende. Lembrei-me de V. S. e portanto supplico-lhe me recomende á sua clientella.

— Não tenho duvida alguma, disse o medico; mas poderei saber que genero de industria exerce?

— Vendo caixoes para defuntos.

COUSA ACONTECIDA.

Um cirurgião parteiro, na cidade d'Oulins, da qual o arcebispo de Lyon era soberano e aonde tinha uma magnifica casa de campo, fôra chamado algumas vezes pelo prelado, em serviço de sua profissão, quando havia algum domestico doente. Orgulhoso dessa clientella o digno practico mandou pôr em cima da sua porta uma taboleta com este distico: « Claudio

Poucel cirurgião parteiro do senhor arcebispo.

MAXIMAS DO DR. XIMANGO.

Quem dorme as escuras
 Vê feias figuras.

• Saltar tem perigo
 Quebrar do embigo.

Fritada de gia
 Dá sempre alegria.

Vigario de aldeia
 Não ganha p'ra ceia.

E' bom crear gato
 P'ra livrar de rato.

Quem dorme ao sereno
 Tem sonho obsceno.

Quem cheira alcatrão
 Não sente paixão;

Escaldado de buxo
 E' bom p'ra defluxo.

Quem conta anedotas
 Sempre anda de botas.

Mocinha amarella
 Sempre tem ramella.

Onde mora o burro
 Sempre ha susurro.

Quem tem dôr nos peitos
 Não coma confeitos.

Negocio com africanos
 Sempre acaba em damnos.

A VERDADEIRA BELLEZA.

Dous doutores solteiros encontram-se no passeio publico do *Rio de Janeiro* com um velho que dava o braço a uma moça. Um delles, depois de ter lançado os olhos na moça que era realmente feia, diz para seu companheiro:

— Que curruja!

— E' a filha do commendador B, retorquiu o outro; tem 100:000:000 de dote.

— Deveras! disse o primeiro assestando a luneta; é verdade, agora é que eu reparo. . . que pé delicado tem ella! . . . faria inveja a uma chinezal! . . . E que lindos olhos! . . . tão bellos não tem uma Andaluzal! . . .

Eis a verdadeira belleza da mulher. Emquanto as moças pobres infatuadas buscam marido com *Dr.* (doutor,) elles, por seu turno, querem mulher que tambem tenha *Dr.* (dinheiro).



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 40.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

12 AGOSTO DE DE 1868.

N.º 397.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
11 de agosto de 1868.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que recomende a seus agentes a mais rigorosa execução da postura ultimamente creada, prohibindo despejar-se lixo na rua; a fim de prevenir que muitas das mesmas ruas não continuem amontoadas de cisco por dous e tres dias. Espera-se que a Illma. acceda a tão justo quão diminuto pedido.

—Até que enfim chegaram os principes, ha tanto tempo esperados.

—E o Sr. Azambuja, que fez tantos convites, que encommendou tantos bolinhos, não teve a honra de os receber.

—E' verdade; estava reservado este prazer para o Exm. Sr. senador barão de S. Lourenço.

—Foram ao theatro.

—Mas retiraram-se no fim do primeiro acto.

—Por causa, talvez, do bom desempenho dos artistas dramaticos.

—Acho que foi isso.

—O hymno foi excellentemente desempenhado pela Sra. Izabel, pelo que deviam offerecer-lhe uma dentadura.

—No dia 10, o corpo academico, reunido

em batalhão, com uma bandeira nacional, foram saudar a S. Ex. o presidente da provincia pelos ultimos triumphos do exercito e armada nacional.

—E' só?

—Não. Foram depois á casa do Sr. Fernandes da Cunha, cumprimental-o como...

—Como o que?

—Eu sei lá... Foram ainda á casa do Dr. Junqueira...

—Bem, basta; não sabia que os medicos tem partido.

—Os honorarios do exercito, vindos do Sul, foram hontem cumprimentar ao Sr. presidente da provincia.

—Vire folha, é materia velha.

—Ha muita gente sem alma, nem coração.

—Que grande achado fez V.!

—Como é que ainda ha gente que se lembra de martyrisar uma creatura com uma corrente, á maneira de animal, trancada, privada de ar e de luz, somente porque essa desgraçada tem o nome de escrava!

—De malvados o mundo está cheio.

—Porem a malvadez cresce, porque, havendo quem, condoido da miseranda, a quizesse comprar, os algozes, para cevarem o ferido genio, a não quizeram vender!

—V. que esta tão orientado é porque sabe onde é.

—Como as palmas de minhas mãos.

—Ora diga-me lá onde está situado esse antro inquisitorial.

—Eu? . . . Deus me livre. Quero lá que me chamem *pelourinho* das reputações honestas?

—Pois si me dissesse, eu corria já para o Dr. Antero, moço a respeito de quem tenho as melhores informações. Comtudo vou mandar o grumete n.º 12 pesquisar isso.

—Não se pode dar maior deleixo e incuria!

—Vem V. fazendo um escarceu; vão ver que a cousa expremida não deita summo.

—Deixe dar meu recado, si quer ouvir.

—Falle.

—E' crível que, havendo uma postura municipal que prohibe dentro da cidade crear-se porcos. . . .

—E' a 99:

— . . . se tolere com o mais inqualificavel escandalò as irmans de charidade crearem porcos, a ponto de por uma vez, na semana atrazada, venderem uma manada de trinta porcos?! . . .

—Talvez ainda não chegasse ao conhecimento dos fiscaes.

—Não é com essas, porque ja tem se bradado mais do que o preto do leite.

—E' que padecem de surdez.

—Ora fomente-se! E o que faz o Sr. provedor? O que fazem os medicos?

—V. gosta de esmerilhar cousas! O melhor systema para se viver hoje em dia é fazer a *vista gorda*.

—De sorte que todo apuro das charidosas é em trazerem o assoalho alvo como papel, e tudo o que dá na vista aciadissimo, embora estejam a envenenar os pobres doentes com o putrido tijuco, produzido por mais de cincoenta porcos agglomerados?

—V. tem uma lingua maior do que a dos outros!

—Eu tinha mais o que dizer; porem. . . .

—Ja agora, principiou acabe, como dizia a velha.

—Para ao depois o Sr. vir com quatro pedras na mão sobre mim?

—Ora não se faça rogado.

—E' cousa muito trivial: sobre o facto das castas senhoras assistirem ao acto da procreação para saberem a raça de cada animal.

—Bom, como é cousa trivial, empine-se.

—Tambem quando o *Jornal da Bahia* dá para exagerar, ninguem lhe leva a palma.

—E' como V. quando dá para se entremeter no que não é da sua conta.

—No numero de domingo diz elle, noticiando a posse do chefe de policia:

«Pede a justiça que apresentemos ao Sr.

Dr. Mendes os mais sinceros agradecimentos: em nome da provincia pelos relevantes serviços, que prestou durante os poucos dias, em que esteve na direcção da policia.»

Ora não sei realmente quaes foram os serviços que fez o Sr. Dr. Mendes na policia. Não quero com isto dizer que S. S. não tivessem as melhores intenções; mas foi tão rapida a sua passagem na administração policial que não deu copia de si, resumindo-se sua gerencia a propostas de demissões e nomeações policiaes:

—E isso mesmo não é serviço?

—Ah! assim estou de bocca fechada.

—A cabra com o vicio da com os chifres no toutiço.

—Capadocismo.

—Seja ou não, vem bem a proposito do que vou dizer.

O desenfreamento em que deixam uma malta de moleques tambores, praticando quanta diabeura ha por essas ruas, deu para um de nome Claudimiro, de artilharia, abrir a porta de uma mulher e ir farejar-lhe a arca.

—E' por que elle ja tem a indole de rapina.

—Pois o Sr. coronel Silva Reis, que não tolera mal-feitos, o enviou para a corveta, onde se corrigirá de tão mau costume.

—Indubitavelmente este é o seculo das maravilhas.

Até os cegos ja leem.

—Onde comprou V. este peixe?

—Li aqui, na *Imprensa Academica*.

—Repita que quero ouvir.

—«*Imprensa para os cegos*.—No collegio de cegos de Lausane existe desde 1856 uma imprensa destinada a imprimir obras para os cegos. Ainda o anno passado acabou-se de imprimir todos os livros canonicos do antigo e novo testamento, vertido para o francez. Da mesma typographya tem sahido muitos livros em allemão.

Como é sabido, os cegos lêem por meio dos dedos, por isso as letras impressas devem ser grandes e com elevações bem sensiveis sobre o papel, que por este motivo só pode ser impresso de um só lado, tornando assim os livros muito volumosos.

Pelo relatorio publicado por Hirzel, director do collegio, vê-se que a Biblia para os cegos consta de 32 volumes de 4595 folhas e custa 150 fr. 80 c.

As letras elevadas e pontuadas (sem cor) cansam muito a vista; de tal sorte, que uma professora encarregada de corrigir os impressos, por duas vezes ficou doente dos olhos (irrites.)

Os cegos têm depressa e com grande facilidade; uma menina cega leu o evangelho de S. Marcos em duas horas e vinte minutos e um rapaz em uma hora e quarenta e cinco minutos.»

—Bem. Mais eu hei de ficar satisfeito quando se inventar o methodo de passar sem gastar dinheiro.

—E eu de não se morrer.

LA VAE VERSO.

Soneto.

Amor é um ratinho de gaveta
Que o coração nos rõe muito a miudo;
E' menino, ora alegre, ora trombudo,
Que ora ri, ora pula; ora se aquieta.
E' um—não sei o que—que nos inquieta,
E' um enredador, um abelhudó;
E' um fona; que tem cara de tudo;
E que, sem ver de que, fica pateta!
E' um cego, que anda aos tropeções;
Um lacaio credor de zombaria;
Um avarento cheio de ambições.
E' mal, que custa mais, si se allivia;
Um coitado entre mil perseguições,
Um doudo, que supõe noite, o que é dia.

MOTTE

Deu quatro bofetadas em Cupido.

SONETO

Esta noite o Parnaso alevantou-se,
Minerva deu taponas em Vulcano,
E tomando um tranca o tal magano
Com a dona das sciencias atracou-se.
O timão de Cupido espedaçou-se
Apezar de ser feito de bom panno;
Depois de ter sofrido um grande d'anno,
O cordão da ceroula arreventou-se.
Veio a mãe dos amores muito irada,
Com focinho zangado e retorcido,
N'um capote escôssez toda embuçada.
E para o tal judeu não ser sabido
A Venus, que é mulher da pá virada,
Deu quatro bofetadas em Cupido.

Á PEDIDO.

—Sabe? Chegaram o Joaquim Augusto e sua Sra. D. Vellute artistas dramaticos. Consta que vão dar alguns espectaculos.

—Com que gente?

—Com a que aqui existe. Informam-me que a primeira representação é—o *Pelotiquei-*

—Não é possível

—Mas porque?

—Por que o drama exige um galan e uma ingenua, fazendo que actualmente não ha nesta terra.

—Ora! pois eu assevero-lhe que ja se está ensaiando.

—Petarolas!

—Consta-me até que o Miguel do Sacramento se encarrega do papel de galan e se compromette a dar uma dama ingenua.

—V. está doudo ou o Sacramento quer cassuar.

—E até a *Mariquinhas*, creio, toma parte no drama!

—Mais outra! Pois V. não sabe que ella não pode representar por prohibição do conservatorio?

—Até ver não é tarde.

—E eu lhe digo que V. está redondamente enganado, por que o administrador não consente tal balburdia.

PARA JUIZ DE PAZ DO CURATO DA SÉ.

O Capitão Jovino Cezar da Silva.

Um volante.

Progressistas, correi todos,
Receber vinde Mané,
Que traz poderes immensos
P'ra dar força ao *candonblé*:

Ocu babá,
Ocu gerê,
Gato-marisco
Virou saruê.

La do Rio vem chegando
Mané de cara panada
Trazendo p'ra seus amigos
Bagatellas e mais nada.

Ocu babá,
Ocu gerê,
Gato-marisco
Virou saruê.

Esse dicto vira-folha,
Que dizem ser femea e macho,
Querendo ser grande cousa
Nunca passou de um capaxo.

Ocu babá,
Ocu gerê,
Gato-marisco
Virou chebê.

Orubú come carniça,
Gavião furta gallinha,
Mané de Souza o que faz?
Só quem sabe é *baratinha*:

Ocu babá,

Ocu gerê
Gato-marisco
Virou saruê.

(Continuação do numero antecedente.)

—Vedes essa mulher bella, risonha e cheia de atractivos, que ao lado de um homem deixa arrastar pelas calçadas o roçagante e almiscarado vestido, que provoca a vista curiosa dos transeantes?

Aproximai-vos della e reconhecereis aquella mesma moça, que ainda hontem em prantos affirmava, jurava que era innocente.

Abri caminho, deixai passar Henriqueta; não lhe embarceis os passos da perdição. Ellaahi vae para o hotel, para esse primeiro degrau, que deve subir para chegar ao cumulo dos crimes, que a tem de lançar no abysmo da perdição.

E' Henriqueta; essa linda moça, que, aborrecida de seu marido, não pensou na enormidade do nefando crime que a ia conspurcar, esqueceu seus deveres de esposa, não cuidou do tenebroso futuro, que a espera, calcou aos pés a honra de seu marido e de seus filhos; e não se pejou de macular com a baba peçonhenta do aspide, que a havia seduzido, a mimosa grinalda da virtude entrancada pelas mãos da castidade.

E' Henriqueta, a quem seu marido amava loucamente e a quem, prevenido por uma voz amiga, vem inesperado encontrar nos braços do algoz da sua ventura, do assassino da sua honra.

Que fazer em tão doloroso transe? Como despertar de tão horrivel e lethal pesadelo?

«—Vae-te, mulher barbara, infiel, que tudo esqueceste em um momento de hallucinação, brio, dignidade, e mais que tudo, a honra e o puro amor dos teus filhos! Vae-te...»

E quem o acreditará?

Pois é ella; é Henriqueta, que ainda hontem fingiu arrepende-se de seu crime; sim, fingiu, porque realmente ella o tinha commetido.

Mas parece-me que vos ouço perguntar: E como podeis affirmar isso?

—Como? Ah! antes não o poderemos!

Infelizmente tudo soubemos, tudo sabemos!

No dia seguinte áquelle em que a encontramos na soleira da porta em busca de uma casa conhecida, Henriqueta não tinha voltado a confessar e pedir o perdão de seu crime, nem mais se achava na casa da compassiva vizinha, que a tinha de bom grado acolhido na vespera.

Ao romper do dia, seu filinho em balde procurou encontrar os desvellos de sua mãe; esta o tinha abandonado.

Deus porem nunca desampara o innocente; si aquella ingrata e, deshumana, d'elle se esqueceu; na benigna hospitaleira em cujo tecto despertara, encontrava elle pela mão da Omnipotencia outra mão, que o hade ainda um dia restituir a seu pae; que tanto por elle se interesse, com aquellas virtudes e nobres sentimentos de que ja por uma vez se apartou a desventurada Henriqueta.

—Não ha nada melhor do que ter-se uma biboca amontoada de mulambos.

—Não lhe louvo o gosto.

—Experimento-o eu e é quanto basta.

—Pois acha mau gosto o passar-se por negociante. . . estar-se habilitado a ser-se fiador de casas? &

—So para não ser fiador eu dispensaria ser commerciante

—Pois eu não porque presto-me a isso a quem me procura, o que me dá importancia, e no fim da historia a affiançada não [paga e menos eu.

—Como? pois não assigna uma carta responsabilizando-se?

—E' verdade, mas depois de marcar mil dias para o pagamento, digo ao proprietario com o maior sans façon.—Cite a inquilina e depois de exgotados todos os recursos apresente-se-me.

—Ora bolas! semelhante procedimento so é proprio de um bebado, que em tal estado espanca a mulher em caza do proprio sogro, que o deita fora.

—Vá dizer isso ao Sr. Oliveira, no largo de Santa Ilustre.

VARIÉDADES.

ECONOMIA DAS ALMAS PEQUENAS.

Andar de coroulas em casa para poupar calças.

Andar de calças de puchadeiras para poder usar de chinellos.

Ajuntar caixas de charutos vasiaas para trocar por cheias.

Lustrar sapatos com a borra do tinteiro.

Usar de botins para dispensar meias.

Fazer doce de casca de melancia.

Assuar no dedo para não sujar o lenço.

Apresentar na mesa so assados, porque duram para o dia seguinte.

Aproveitar resto de vestido de seda para gravatinhas.

Apresentar na mesa uma conta certa de palitos feitos em casa para os convidados.

Usar de cuia com farinha na mesa para poupar pratos.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 40.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

14 AGOSTO DE DE 1868.

N.º 398.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama
13 de agosto de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar.
—Sirva-se S. S. de mandar apresentar-se á bordo deste navio certo vendelhão do Caes Dourado, cuja venda é antes de chegar ao n.º 82, para que o mesmo explique o milagre de vender em grande abundancia e por menos que os outros assucar da fabrica do Cabrito, sem que com tudo alguém o veja ir ao deposito da mesma fabrica comprar um sacco ao menos, e, sendo de necessidade descobrir-se como se opera semelhante magica, espera-se que quanto antes S. S. remetta para bordo o requisitado vendelhão.

—Nestes dias não se pode beber agoa do chafariz do Terreiro. E' barro puro!

—E a agoa vem esverdeada.

—Não sei o que quer dizer isto.

—E para que? O povo só deve pagar e tomar o que lhe dão.

—Pois era bem bom, que a direcção da empreza tomasse em consideração o mal, que pode vir á saude do povo pela má qualidade d'agoa e procurar-se melhora-la.

LA VAE VERSO.

MOTTE

GLOSADO ENTRE A SANTINHA, O SARGENTO ROCHA LIMA E O MEIRINHO JOSÉ GARIBALDI.

Cobra pequena é minhoca.

Rocha Lima.—Peço grade; ás armas, em contienuencia, la vae a minha:

Gallinha põe ovos molles
Quando acaba, fica choca;
Ferro comprido é vareta,
Cobra pequena é minhoca.

Santinha.—Bravo muito bem, Sr. sargento; repita que está muito boa ou então faça melhor.

Rocha Lima.—Pois la vou dobrar na guarda:

Pepino é fructa cumprida ,
Pau sem miolo é taboca;
Calombo na testa é chifre,
Cobra pequena é minhoca.

Santinha.—Bello, bello, Rocha Lima; agora V. rexavou; fallou até em chifres. Olhe que certa classe de gente não o chame a contas por fallar de uma especialidade, que é só da competencia della.

Ora la vou me expremper para deitar alguma cousa:

Quando os ladrões são collegas,
Nos empregos fazem troca,
Quem furta escondido é mestre
Cobra pequena é minhoca.

Vae a melhor—

Por fim não casou a moça,
Hoje de raiva pipoca;
Logro bem feito é castigo,
Cobra pequena é minhoca.

Meirinho.—Forte canalha! Estou aqui a mais de meia hora a querer improvisar, e a maldita Santinha com o beberrote Rocha Lima não me deixam fallar, sendo eu um homem do forum, que, segundo o codigo, devo fallar primeiro.—Canalha, escutem, si não hei de proecessal-os por crime de falta de audiencia.

Quando eu casar, ponho em casa
Tranqueta e chave de broca;
As mulheres são bregeiras
Cobra pequena é minhoca.

E vou repetir, para cada um de nós dar um par certo:

Eu vi certa freira velha,
Que so comia taoca;
Baleia ensopada é frango,
Bobra pequena é minhoca.

Á PEDIDO.

CARTA DO ALDEÃO AO CAPITÃO DO ALABAMA.

Capitão.—Entendi para mim que devia um dia subir ao capitolio da imprensa—eis-me portanto aqui representando um brilhante papel, para, a exemplo de muitas nullidades, que por estas escadas tem chegado ao fim da jornada, tirar todo proveito das situações, que caem e das que se levantam, conforme sopram os ventos.

Ter talento é muito bom, porém ter geito é melhor; porque não ha difficuldades que o geito não vença e embaraços, que não desapareçam em todos os logares e occasiões; com geito nada se soffre, acerta-se sempre, leva-se os outros de vencida, aproveita-se tudo e tira-se vantagem de todas as cousas deste mundo.

Por consequencia, faça de conta, capitão, que isto aqui é uma aldeia de cabocolos, gente desconfiada e estúpida até o ultimo grau; faça de conta que os homens, que nos governam vem do outro mundo—e que os *espíritos* dirigem isto como nos primitivos tempos de Adão e Eva, que andavam com uma mão adiante e outra atraz, e comiam e bebiam o que vinha do ceu; e isto que hoje chamamos mundo, era então um *paraizo* de delicias! Dahi vê-se qual era outr'ora a nossa situação e que vida passava-se; hoje, porém, é o contrario: ali estão os factos, para por elles tirarmos as provas.

De um lado alguns *expertos* querendo fazer desta aldeia sua feitoria; de outro lado uma sucia de *acrobatas* de maromba em punho, saltando por cima do povo para alcançar as posições, de que foram apeados.

Cadaqual mais experto trabalha por illudir a nós todos; uns endeusando-nos e prometendo-nos o que não podem dar; outros dando em prosa e verso fiel cumprimento e execução ás leis e mostrando as vantagens da nossa constituição; historias muito sabidas e por demais sedicças, que pouco ou nada produzem.

Depois, esquecidos do seu passado, encaregam-se estes missionarios de nos ensinar a rezar, e quando chegamos ao *padre nosso* não consentem que fallemos no *venha a nós*, por que isso é só para elles *catechistas*.

Estava de colarinho em pé o governo *progressista*, quando, não sei porque, chamou o rei outra sucia para arranjar as malas da patria; metteu os pés em tudo, ficou o pacto fundamental com o nariz amassado, segundo dizem os que entendem da materia constitucioanal, e nós no mesmo estado de reacção!

O rei enfim venceu, e lá se foram os *progressistas* e em suas trouxas debaixo do braço e desesperados tratam agora de tirar a desforra no *partido do rei*: o jogo portanto é o mesmo, somente é novo o banqueiro!

Toda esta aldeia está abalada; parece que os homens, que estavam no poder, endoideceram com a queda; ja andam ás marradas os liberaes de hontem com os liberaes de hoje, e parece que no fim de tudo—nem boi, nem vacca!

Os *conservadores*, que rezam por outra cartilha, estão estudando a maneira de acabar com o resto dos *macacos*, e mais dias menos dias, lá vão *historicos* e *progressistas* de arma ao hombro e mochila na traseira visitar o cacique do Paraguay, em honra, do cacique de cá, ficando a aldeia nas mãos de seus donatarios...

E si entre mortos e feridos:
Alguem por acaso escapar,
Peça a Deus por seu amigo
Para que não o deixem matar.

Capitão, o meu partido é o de muita gente: é o partido da *conveniencia*; acredite-me com fé, por que se dissesse o contrario, vossê não o acreditava; e se o nome indica o que sou—*ego sum qui sum!*

Quanto mais nomes dão aos partidos, mais atrazado vai isto: agora, porém, segundo diz a gazeta, só ha no Brasil um partido—o liberal—*comme il faut*; por que quem nasce neste paiz è *liberal* desde os pés até a cabeça, e por dentro e por fora só tem *liber-*

dade!... Ora, ja se viu mentira mais descarada! Até o partido *conservador* é *liberal*, porque sabe que a constituição é o pacto fundamental deste Imperio!...

Capitão, liberal é quem governa ou está de cima, porque dá *liberalmente* o que não é seu: liberal é quem faz desta aldeia sua fazenda e reparte com quem quer os fructos, que ella produz; liberal é quem mette a mão nos cofres publicos e tira de lá contos e contos de reis e por fim deixa o paiz ainda lhe devendo; liberal finalmente é quem rouba e mata e sahe dos tribunaes limpo de pena e culpa, olhando para tudo e para todos, como si nada se passasse com elle.

Conservadores *liberaes*, progressistas *liberaes*, historicos *liberaes*—tudo junto ou cada um destes grupos trabalhando para si, o que é o que fica para o povo? A *liberdade* do recrutamento, a *liberdade* da miseria, a *liberdade* de morrer nos atoleiros do Paraguay, para legar a suas familias a *liberdade* da prostituição ou cousa ainda peor!

E para nos illudirem, capitão, encarregam-se os mais expertos, os que estão com o machado na mão, de espalhar pelas gazetas, depois de berrarem na tribuna—que é necessario o concurso de todos, principalmente dos bem intencionados ou aquinhoados—para que o paiz seja salvo!...

Aqui dou eu um berro
Em favor do pobre povo,
Dizendo com fé em Deus:
O programma não é novo.
Leem na mesma cartilha
Os partidos nesta terra;
Todos amam o paiz,
O que menos faz, mais berra.

Não devo continuar neste gosto, porque não sou poeta; mais estando muito em moda isto, quero tambem misturar com a má prosa a pessima poesia; porque os grandes homens, os que primeiro deram ás letras o colorido para embellezal-as—deixaram muita cousa escripta para nosso uso.

E não se persuada, capitão, que muitos homens, que por ahi andam arrastando sabedoria, são lá muita cousa; a maioria é de *copistas*; e a prova está no que elles produzem, pois vem de tão alto os paradoxos, e os absurdos, que quando chegam cá embaixo tem menos de metade do pezo.

E para não dar muita na vista, apadriham-se as nossas *notabilidades* com o que disseram os publicistas da França, da Inglaterra, da Allemanha, da Russia, da Turquia, da China, do Japão e até do inferno—para nos illudirem e mais depressa darem com tudo isto em pautanas, com o que elles pouco se impor-

tam, embora soffra o paiz e cada vez mais complicados fiquem os negocios publicos.

Aqui devo concluir, atirando a penna:—

« Sobre as vagas do oceano undoso,
« Que ao desgraçado faz tornar ditoso. »

O Aldeião.

CHAPA

Approvada pelo gremio conservador para juizes de paz do curato da Sé.

Dr. Antonio Garcia Pacheco Brandão.

Dr. Alino Rodrigues Pimenta.

Coronel Lourenço de Souza Marques.

Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira.

—Cá... cá... cá... cá...

Bem feito... Bem feito...

—O que viu V. que está tão alegre?

—Estou lendo aqui o acto do governo, que demitte o director dos estudos.

—V. é um homem sem coração, sem alma!

Pois ha quem se regozije das infelicidades dos outros; ha quem ria-se quando lê um acto de demissão de um chefe de familia?

—Mas é porque V. não sabe a razão meu riso, e por isso diz que não tenho coração, nem alma!

—Não pode haver razão nenhuma, que faça um homem regozijar se em os soffrimentos de um honrado pae de familia.

—Pois vou mostrar-lhe si ha ou não.

Quando o director dos estudos fez o seu regulamento organico, tratou nelle de supprimir certas cadeiras ahi pelo centro, onde supprimiu uma de um honrado chefe de familia (as lagrimas chegam-me aos olhos ao reflectir nessa desgraça) que vendo-se sem o pão para si e sua familia, enforcou-se!...

Muitos professores foram demittidos, por influencia do director, só porque não seguiam as suas ideias politicas.

Hodie mihi, cras tibi!

—Basta: *Quem com ferro fere, com ferro será ferido!*

Mas em todo caso elle trabalhou muito para a prosperidade da instrucção.

—E' verdade; creando os internatos, uma de suas glorias, como lhe disse o Bellarmino.

—Principalmente o das senhoras.

—O' lá dá prôal!

—Prompto, capitão.

—Toma lá tua *longa mira*, applica-o para as bandas da villa do *Santo Seraphico* e vê si descobres alguma melgueira ou cousa que mereça alguma abordagem cá do nosso monitor!

—Prompto, lesto e agudo, capitão. Olá te-mo-la travada, capitão!

—O que é la, patusco?

—Diviso na praça dos Tamarindos um grande grupo de personagens! E' mesmo de frente da casa da camara, que é a mesma onde existe a cadeia!!!

—Ah! então será alguma preso, que vae entrando!

—Não, capitão, não é, não.

—Então que diabo fazem os taes alli aglomerados?

—Eu sei, capitão, eu sei!!!

Entre elles descubro o maior tratante destes modernos tempos, um patusco, que sempre amando o bello sexo, brasileiro estreme-cido pelas cousas da patria, mas só quando ellas lhe dão para os camarões, chibarro valente, que só come silvas, e que por fim sem estudar Lobão, Pereira de Carvalho, Freire e outros, quer se dar como grande advogado, quando, coitado, *modulatus*—nasceu mulato, —*gratia*, por sua desgraça.

A proposito, capitão, si quer ouvir cousas de fazerem pasmar, desço cá dessas alturas e ahi vou contar-lhe a palinodia daquelle bregreiro!!!

—Ora venha de lá essa tirada, mostra-me as lepras desse tratante.

—Primo, esse tartufo é filho da cabra Maria com um finado vigario dessa villa e neto da negra Valentina, ambas escravas, e só depois de grávida a tal cabra Maria, foi liberta pelo referido vigario, que assim, *pobre homem*, recompensou as carapuças, que a dita lhe pregou com quanto negro havia tirador de e-rangueijos, no engenho da villa. Já vê, capi-tão, que um tal bicho, filho do crime, e *crime ecclesiastico*, havia de respirar as primeiras brizas da vida debaixo de um temporal des-feito de pragas, xingamentos, pontá-pés e até mesmo maldições!!! O moleque que, como acontece sempre a todo filho de padre, nas-ceu pulador como um cabrito, gritador como um bode, é talentoso como uma rapoza.

Cresceu o bixinho, e, depois da morte do vi-gario, foi morar em casa e companhia de um tal Antonio Gonçalves, amasio de uma irman do tratante, e descobrindo o dito Gonçal-ves as melhores tendencias no moleque para vida do fóro, prompto de primeiras letras, fel-o para elle entrar, principiado por despachar requerimentos daquelle e algumas cartinhas amorosas, e era muito procurado, e sempre ganhava seus quatros vintens.

E' caso celebre, capitão, o moleque revellou para logo desmarcada aptidão; e nestas dili-gencias era sem segundo; estava sempre prompto á ir em toda parte, a que lhe manda-

vam, e não fazia focinho; mas havia uma coisa para a qual o bixo tinha completa nega-ção, era subir para as audiencias do juiz.

—Seria talvez com vergonha da muita gen-te, que as mesmas iam assistir?

—Qual, capitão, vergonha era droga que o moleque não tragava, era tão somente hor-ror, medo, e não sei se presentimentos da cadeia!!!

—Da cadeia?

—Sim, da cadeia, capitão, que ficava por baixo da casa da camara, na qual eram as audiencias do juiz. Oh! nunca por ali passou quem não tivesse arrepios, estremecimentos nervosos, e, segundo me dizia a Maria do Caru-rú, que era mãe do futuro advogado, possuia-se de ataques de *flatos* sempre que tinha de pas-sar em frente das grades da cadeia!

—Ora, todo rapazinho tem medo de cadeia.

—Qual, capitão; era ja presentimentos que sentia o moleque, porque defacto havia de ser a casa onde iria pendurar o seu *semestre*.

—Olá! vira de bordo; vamos em cima da corôa, deixa a historia do patife para amanha.

—Pois sim, capitão, pois sim, amanha con-tinuarei.

PARA VEREADOR

O coronel Joaquim Antonio da Silva Car-valhal.

Um votante da Se.

PARA JUIZ DE PAZ DO CURATO DA SÉ.

O Capitão Jovino Cezar da Silva.

Um votante.

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Em virtude de ter ficado, na sessão de 9 do corrente, adiada a discussão do relatório do conselho e do parecer da commissão de con-tas, por conter aquelle materia importante; convido, de ordem do mesmo conselho, aos Srs. socios para comparecerem no domingo 16 do corrente, afim de ter logar a assembléa geral. Bahia 12 de agosto de 1868.—*Aristi-des Ricardo*, 1.º secretario.

Compra-se uma escrava cosinheira, que saiba engomar, mesmo tendo alguma cria; e um escravo pedreiro. Prefere-se africanos.

Para tratar á ladeira do Aljube nº 4, com José Augusto Cardoso de Castro.

Parallelipipedos para calçamento de ruas, linhas para passeios, vende José Augusto Cardoso de Castro.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 40.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

19 AGOSTO DE DE 1868.

N.º 399.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
18 de agosto de 1868.

Portaria ao fiseal geral, ordenando-lhe que faça executar a postura n.º 96, que prohibe canos, que despejem imundices para a rua, em relação ao proprietario da casa á ladeira do Genipapeiro, quina que dá para a rua da Saude. Cumpra.

—Aqui ja houve um tal Vicente, que vendeu um barril de certa cousa por manteiga.

—Lembro-me; foi um magano, que tinha biboca no Taboão.

—Agora, um creoulo Narciso, com outros comparsas, acibam tambem de pregar uma peça destas a um destes especuladores, que gostam de *peccinzas*.

—Bem feito!

—O esperto creoulo encheu um barril de areia, deitou-lhe uma camada sofrivel de manteiga e foi impingil-a ao cujo.

—O barato sahe caro; para elle não gostar de comprar cabritos á quem não tem cabras.

—Mas o resultado é que descobriu-se a massada e os consocios lá foram dar com os ossos na Correção, pondô-se no pulo Narciso, que, apesar de ter as pernas inchadas, foi mais ligeiro que os outros.

—Passou por aqui, de volta dos Estados-

Unidos, o Sr. D. Francisco Sarmiento, presidente eleito da confederação argentina.

—E foi obsequiado apparatusa e officialmente.

—Homem, tudo de sobra é demasia.

—O quequer dizer na sua?

—E' que eu achei extemporaneas as honras officiaes tributadas ao Sr. D. Sarmiento.

—Então porque? não é o chefe de um Estado alliado?

—Sarmiento é o presidente provavel da republica argentina, mas ainda não foi reconhecido pelo senado, que, na apuração geral dos votos, pode fazer um cambalacho excluindo-o e elevando a Elizalde. Portanto acho que foram fóra de proposito mandarem para o arsenal uma guarda de honra para um homem que ainda não está investido do cargo.

—Ora, isso que V. apresenta são obstaculos improvaveis.

—Por ventura não vemos todos os dias entre nós, no reconhecimento dos poderes, excluir-se este ou aquelle collegio eleitoral, para dar entrada ao candidato do peito, preterindo-se ao legitimo representante? Quem nos diz que não succederá o mesmo por lá, e que o Sr. D. Sarmiento ficará com os beiços com que mamou?

—Mas que quer? Elles lá se entendem; é *cré com cré e lé com lé*.

—Isso sim, são fórmulas do mesmo pé.

—Quartorze mortaes facadas descarregou sobre si um infeliz desvairado.

—Que horror, meu Deus!

—O pardo Isidorio, sapateiro, escravo do crioulo Francisco de tal, com officina de sapateiro a ladeira da Conceição, para evitar um castigo aviltante, dizem, lançou mão de tão desesperado meio.

—O suicidio não é justificavel em caso algum; ainda mesmo nos mais contrarios transees da vida.

—Aquelle alferes descompondo o andador da Ordem 3.^a de S. Francisco, só porque o homem o advertiu que se desencostasse do altar, para não dar com um jarro no chão!

—E por causa disso é que elle está insultando, ao andador d'aquella sorte, dentro da egreja?

—E' por isso mesmo. De negro, estúpido, mulato descarado e safado, elle lhe tem feito a festa.

—O andador o desafiou para rua; mas elle disse que um homem branco não sujava-se dando em um mulato.

—Vão ver que não é branco genuino o tal alferes; é algum desertor das fileiras pardaicas para a caucasiana.

—Não resta duvida; a côr está mostrando e o cabello indicando o que elle é!

—De que batalhão é elle official?

—Do 3.^o.

—Julga que por ter a patente de official da guardá nacional, já é branco.

—São fofices de certos tolos!

Pela lei de nossa constituição os homens se distinguem pela suas sabedorias, intelligencias e virtudes e não pelas côres!

LA VAE VERSO.

O DINHEIRO.

O dinheiro é tão bonito!

Tão bonito o maganão!

Tem tanta graça o maldito!

Tem tanto chiste o ladrão!

A fallar, falla de um modo!

Todo elle! Aquelle todo!

Ellas acham-no tão guapo,

Velha ou mocinha que o veja.

Por mais esquiua que seja

Tlim!

Papo.

E a cegueira da justiça,

Como elle a tira n'um ai!

Sem lhe tocar com a pinça,

So com dizer—*Ahi vae*....

Operação melindrosa,

Que não é la qualquer cousa.

Catarata—tome conta—

Pois não faz mais do que isto:
(Diz-me um juiz que tem visto)

Tlim!

Prompta.

Nessas especies de exames,

Que a gente faz em rapaz,

São milagres aos enxames

Que o tal diabinho faz!

Sem saber nem patavina

De grammatica latina,

Quer-se a gente d'alli fora?

Vae *elle* com taes fallinhas,

Taes gaifonas, taes cousinhas,

Tlim!

Ora...

Aquella physionomia

E labias que *elle* tem!

Mas, n'uma secretaria,

Ahi é que é vel-o bem!

Quando *elle* de grande galla

Entra do ministro a salla,

Approveita a occasião:

—Conhece este amigo antigo?

—Oh! meu tão antigo amigo!

(Tlim)

Pois não!

(*Extr.*)

Á PEDIDO.

CANDIDATO POPULAR.

Apresentamos candidato á um dos logares de juiz de paz da freguezia da Sé o Sr. capitão Jovino Cezar da Silva.

Character independente e honesto, cidadão prestante e dedicado, ninguem melhor que elle pode preencher esse honroso encargo, que já tão dignamente exerceu.

Lembrando aos votantes da Sé o nome do Sr. capitão Jovino Cezar da Silva, cumprimos um dever sagrado e de gratidão, em vista dos relevantes serviços, que prestou a esta freguezia no decurso de oito annos em que serviu subdelegado.

As suas qualidades, por de mais conhecidas dispensam-nos de addiceionar mais algumas palavras.

Assim, com especialidade, recommendal-o aos seus parochianos.

O amigo do merito.

—Meu capitão o pouco tempo que V. esteve no Sul, não era bastante para esquecer a lingua natal e tornar-se todo castelhano.

—*Mira*...?!

—*Anda* V. com caracos, carabinas, hombres e cabajeiros na bocca á cada passo. Esqueça-se disso, que é vicio.

Ao menos, quando estiver *exercitando* a gente, lembre-se de que é brasileiro, bahiano, filho desta terra do caruru, do vatapá e mocotó a meia noite e deixe-se de hespanholadas.

Pois os guardas tem la obrigação de entender sua algaravia castelhana?

—Bueno, bueno.

—Mais esta! Pobre Cervantes, si fosses vivo, ias te esconder!

Mogo deixe-se deste desfructe.

Tome um conselho; jamais queira passar por excepcional e emende-se.

SR. REDACTOR.

Com surpresa ví no *Alabama* publicada uma lista de candidatos pelo partido conservador a juizes de paz da Sé, sem que nella viesse incluído o nome da capitão Pantaleão José de Campos. Na qualidade de artista e apologista das ideias conservadoras, declaro que estou resolvido a só votar na chapa que trazer o nome do mesmo capitão, porque não hei de deixar de votar n'um artista, para votar em quem em uma reunião disse,—que seus filhos não aprenderiam officio, para não se sentarem n'uma porta de rua a par do sapateiro, nem encostado a um banco com o carapina.

Um artista votante.

—Mandem repicar os sinos,
Que chegou o Gustavinho;

—Do que, sem tumba, nem samba,
Vae viver o rapazinho?

—Do que vae? ora essa é boa!
Da sua clinica.—Olé!
Por essa morre de fome;
Coitadinho de Bebé!

—Miguel não compra assucar.

—Não, por certo.

—Miguel não recebe assucar.

—Tambem é verdade.

—Miguel não tem engenho.

—So si for de vento.

—Que diabo de *gymnastica* faz Miguel, que tem sempre assucar barato para vender?

—Enigma, meu rico!

—E enigma tão intrincado é esse de Miguel, que me faz dar com o juizo na contra *costa* se continuar a pensar nelle!

—Quer decifrar?

—Si me desse a explicação, era favor.

—Vá ao *Caes do Ouro*, no degrau 84, procure um taverneiro e entenda-se com elle.

—Negocio com taverneiro, fugite!

—Pois va ao *Cabrito*, que la ha um advinhador, que lhe pode desembaraçar essa meada.

—Tambem não me serve,

—Então, meu passaro bisnau, procure quem lhe assista.

—O 6.º batalhão está fazendo fardamento nove?

—Não.

—Porém vae fazer.

—Tambem não.

—E' impossivel.

—Temos outra!

—Então para que é o desconte de 100 rs. diarios a cada praça?

—Meu papalvo, é para pagar o fardamento que elles fizeram no anno passado.

—O que esta dizendo?!

—E' isso mesmo.

—V. quer zombar commigo.

—Quer saber? arrume sua trouxa, que não estou para soffrel-o.

—Pois o fardamento não foi offerecido pela officialidade?

—Sim.

—E então?

—Então o que?

—Como é que se pratica isso? Faz-se um offera e depois cobra-se!

—Rapaz, va se andando! V. não sabe que nem sempre sinhá Lilia toca folles?

—Hum!

«Mudam-se os tempos
Nesta ventura.

—E

«Quando vier nova gente

«Ja a fructa está madura.

—Ah! é para estragar que elles fizeram do fato semana e semaneira, domingo e domin-gueiro.

—Apre, que isso é muito *esbilhutar* a vida alheia!

Empurre-se.

PASSATEMPO POLITICO.

II.

Nas agonias da vida, parece que aprende-se alguma cousa; mas so produz o correctivo naquelles agonisantes, que sem esperanças vão morrendo pouco a pouco para tudo e para todos, sendo o desaparecimento eterno o único linitivo dos infelizes. Todavia é assaz aproveitavel isso, quando não ha outro remedio; porque nas provações ou privações é que melhor conhecem-se os homens e as cousas e vê-se claramente o que vae por este mundo, tão cheio de extravagancias e patifarias!

E' bom viver para aprender e não viver somente para comer; mas infelizmente não é assim: a maioria vive para comer e os que vi-

vem para aprender, morrem sem saber nada, si não possuem certos *predicados*.

Inventaram os homens a *politica* como um meio de vida, uma especulação mercantil, o tudo quanto se ha escripto a seu respeito não é senão uma *mentira*, pois que, como disse um confrade dessa grande confraria de especuladores, repetida a *mentira* muitas vezes, tinha a força de *verdade verdadeira!* Della pois, sahem os partidos, cujos nomes e programmas são sempre a *mentira repetida*.

Como se ha de crer no homem, que amanhece de uma cor e anoitece de outra, sem estar elle soffrendo algum *incommodo physico?*!

Como se pode ter fé em quem não faz sacrificios sinão por amor de si e do que menos se lembra é do bem commum! E' por ventura sacrificio procurar representarna sociedade um bonito papel, que dê importancia, nome e fortuna, quem nada pode ser, ou nunca esperou ser cousa alguma?!

E ainda ha por ahi *papalvos*—gente, que olha para o céu e crê que é de lá que vem a carne e o pão e até o dinheiro;—gente sempre prompta para servir de escada aos especuladores politicos, ainda os mais desacreditados: hoje com foguetes e musicas, amanhan com morras e vivas e depois apresentar-se ás urnas com cara de asno com uma chapa na mão, sem saber o papel triste que está representando!

E vem dizer-nos os politicos, esses apostolos da mentira, que todas estas patifarias e embaçadellas são indispensaveis e ninguem deve ser indifferente aos *males da patria!* . . .

Que patria é essa, de que elles fallam tanto? Será por ventura a patria de suas conveniencias, a patria dos seus commodos, a patria de suas algibeiras etc. etc.

Consevadores hontem, liberaes hoje, progressistas amanhan—é tudo uma mentira, uma farça, uma especulação. E si não, vejamos os quadros que vão apparecendo.

Está na governação desta provincia o Sr. S. Lourenço; habil ou habilissimo como é, vem com o concurso dos *bons* e bem *intencionados* tirar-nos das *garras do abysmo*—e os que rezam pelo seu rosario estão batendo nos peitos e pedindo a Deus que assim seja.

O partido *progressista*, hoje *liberal* talvez por calculo, duvida que este santo (o S. Lourenço) faça milagres; por isso o recebeu vestido a *character*; e o barão, que sabe como se mama, como se come, como se bebe e onde se despeja tudo, depois da mala cheia, vem disposto a acalentar a todos, dizendo:

Não chorem, que aqui estou:

O *pae da patria* chegou!

Das tricas gazetaes. com que se amanha a *politica*, está elle muito em dia; do como se

acalentam os meninos chorões tambem tem elle muita pratica por ser grande *creator*; por isso é de crer que, depois da lavagem, a agua suja ha de ter alguma serventia, e então dirão os desenganados:

Muda-se a sorte dos tempos,

Só a nossa sorte não!

O *Diario* é o orgam da *situação liberal* desta provincia; o *Diario*—a folha official—que foi criada para *negocio*, passou agora por nova phase—*está politico* de facto e de direito; o seu ex-proprietario, não se *dando bem* com a politica, fez o seu testamento e morreu *em estatua*, para que não *desmentisse* o seu passado, o seu presente e o seu *futuro*; porque sabe e tem muita experiencia da vida *especulativa*—que, antes de mim eu, e depois de mim eu mesmo. Deputado provincial por um dos circulos desta provincia, devia acompanhar os *progressistas* no seu *ostracismo*; mas não ia bem; na duvida e sempre na duvida de onde iria parar, preferiu *vender-se* mais uma vez, segundo disse o *Jornal da Bahia*—quando o homem *passou o Diario* desta para *melhor vida*

E' o que tem os *caracteres de chumbo*: derretem-se com muita facilidade.

Mas o que é certo é—quem não vai adiante, atraz se fica, e quem é tolo para si, pede a Deus que o mate e ao diabo que o leve. E, firme nestes principios, tudo conseguem os homens de *calculo*, fazenda que não tem direito nem avesso e nunca disbota, apesar de quantas *lavagens* e *ensaboadellas* lhe dêem! . . .

Au revoir.

F.

VARIEDADES.

Certo negociante acabava de perder a mulher. Marcou-se o enterro para meio dia. As 9 horas da manhã, na forma do costume, levantou-se o nosso homem.

—Oito horas! . . . ainda tenho tempo de dar uma vista d'olhos nos meus livros.

E foi ás voltas com o borrador, diario e contas correntes.

Ao meio dia vieram chamal-o dizendo que chegavam os convidados.

—Pois que vão indo sem mim; bem sabem que a minha divisa é—primeiro os negocios, depois o prazer.

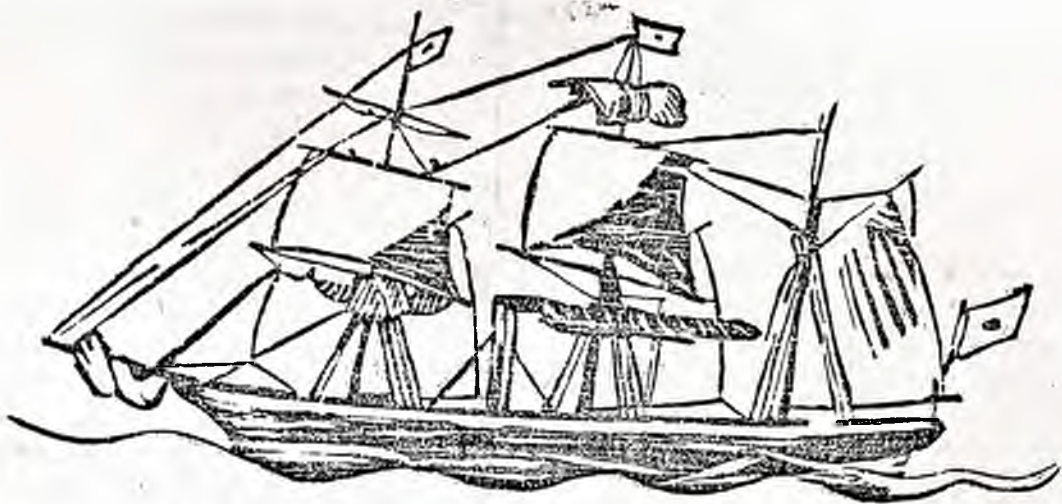
Dois padres convencionaram fallar sempre um ao outro em latim.

No meio da conversa espirra um delles.

O outro torna-se mudo e pensativo.

—No que está pensando V. Rvma? Pergunta o que espirrou.

—Homem, accrescenta o outro, esqueci-me agora como se diz dominius tecum em latim.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 40.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

20 AGOSTO DE DE 1868.

N.º 400.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
19 de agosto de 1868.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que se dirija ao principio da Ladeira de S. Miguel, á esquerda, e procure o morador de uma casa, onde ha quatro formidaveis cães, e faça-lhe sentir o reprehensivel abuso de seus fannulos á noite, os quaes divertem-se em açulal-os sobre quem passa; certo de que, si quanto antes não corrigir tal abuso, se tomará providencias em regra. Cumpra.

—O dia do beneficio é vespera da ingratição.

—E' ordem do mundo.

—O José Amat, que recebeu tantos favores nesta terra, não só do governo, como do publico, está publicando artigos no *Jornal do Recife*, em desabono do publico bahiano.

—E o que diz elle?

—Que na Bahia não ha gosto para as artes, que não ha quem saiba apreciar o merito, que não se protege aos artistas, que a sua companhia, sendo excellente, não foi recebida como devia ser.

—Tem toda razão elle; si não encontrasse este povo, que pacientemente tolerou que elle o bigodeasse completamente, pregando a mais

horrenda buxa de apresentar uma companhia mediocre, como cousa nunca vista, quando ha 23 annos passados tivemos cousa muito melhor, não teria a ousadia de ir para Pernambuco deprimir do bom gosto bahiano.

—E a cousa não é esta: pela leitura dos artigos se conhece que elles foram forjados aqui na Bahia.

—E eu sou capaz de dizer o author delles quem foi.

—Até eu, yoyo Zeze.

—O caso é que elle não foi mais feliz em Pernambuco, pois que a companhia foi recebida friamente.

—E ahí é que está a contradicção dos taes artigos, que foram escriptos, dando-a como bem accoita.

—E vão ver que, quando elle voltar para cá, ha dester cincoenta mil e usas outra vez.

—Ora!

LA VAE VERSO.

PENSAMENTOS.

Quando o macaco é juiz
E a rapoza escrivão,
Na caza da pobre parte
Raras vezes fica pão.

O homem aváro e vil,
De si proprio é o flagello;
Por morte deixa farinha
Na vida come farelo.

Dar conselho á quem o pede,

E' plantar em terra bôa,
O conselho não pedido
E' semente gasta atôa.

Morre o peixe pela bocca,
Julgando morrer á mingua;
Assim tambem, quasi sempre,
Morre o homem pela lingua.

Quem tem dinheiro bastante,
De todos anda occultando;
Quem raras vezes tem pouco,
A todos anda mostrando.

Precioso diamante
Extrahido vai da lama;
Assim, pois, surge da plebe
Quem ha de brilhar na fama.

Pensar muito e fallar pouco,
E' o dever de quem sabe,
O contrario é triste balda,
Que somente aos nescios cabe.

Quem de pechas e calumnias
Não deffende ao seu amigo,
Deve ser considerado
Pelo maior inimigo.

Não pratiques acto algum
Guiado pela paixão,
Para que não te arrependas
Na hora da reflexão.

A mais nobre das vinganças
Contra quem odio nos tem,
E', sempre que se poder,
Fazer-lhe o possivel bem.

Quando deres uma esmola
Com a tua mão direita,
Acautella-te, repara
Si a tua esquerda te espreita! . . .

Não é por muito fallar
Que se justifica o reu,
E nem por muito rezar
Qu' o peccador ganha o ceu.

M. X. V.

Á PEDIDO.

—Que navio é este?

—O *Corta vento*.

—D'onde vem?

—De S. *Vicente*.

—De baixo de que bandeira navega?

—Não tem bandeira; no galhardete usa da
figura d'um *pinto*.

—E' um corsario, está visto.

O nome do commandante?

—*Pereira*.

—Para onde vae?

—Não tem destino; embora leve carta de
saude para *Lisboa* e vá consignado á casa
Cunha.

—A nacionalidade do capitão?

—*Bahiano*.

—Leva passageiros?

—O *engenheiro da capellinha*.

—Somente?

—E uma estrangeira, amazia do cujo, e que
se inculca de casada.

—E a carga?

—A carga, é uma porção de malcreação e
ingratidão filial, para ser desembarcada na
Grande Praia, no caes de *Atacaranta*, algumas
grosas de callotes para uso dos trabalhado-
res da capellinha, uma enfiada de mau pago
ao Leite de Portugal, que emprestou o dinhei-
ro para a educação do marreco, um volume
de alicantinas sobre a venda de duas escr-
vas bifadas a um cunhado e vendidas no Rio
de Janeiro.

—Toca a alijar ao mar tanta podriqueira, e
depois que a tripolação que desinfecte este
casco de bandalheiras para se lhe dar destino.

(*Continúa*.)

O Sr. *Oliv* que tem *eira*, mas não tem beira;
tem *eira*, porque possui tal biboca amontoa-
da de trapos, no largo da *Santa Illustre*; não
tem beira, porque, ultimamente alistado nas
fileiras da crapula e do vandalismo, vive só
pensando no momento de receber o tremendo
castigo de suas infamias: tem feito um diabo-
lico escarceu, por causa de um artiguito pu-
blicado no *Alabama* n.º 397; tem ameaçado
uma pessoa, de quem só se devia lembrar
para respeitar, com o *emprego de sua energia*
no *Diario* ou *Jornal*, como se qualquer des-
tas gazetas valessem mais que o *Alabama*, ou
se estivesse no caso de nellas escrever o ho-
mem que escrevinha *frasiás*, em vez de phra-
ses; lembrou-se até de chamar um moço ho-
neste e pacato perante a authoridade, impu-
tando-lhe a authoria da publicação.

Tem dado por paus e por pedras, tem feito
tudo para evitar mais desmoralisar-se; tudo,
tudo o que é humanamente possivel fazer-se,
menos satisfazer a importancia da fiança, que
assignou. Mas elle faz tudo isso, porque o
desesperado atropelo, em que se tem visto,
não lhe dá logar a avaliar o quilate de per-
versidade, que cabe ao malvado, que jurou ser
seu *cabrion*, e que lhe offerce estes versinhos:

Venba cá seu *Oliv*. . . . *eira!*

A fiança ja pagou?

Sô cara de sem vergonha,

Filhote d'uma cegonha,

Os olhinhos ja curou?

O que teve nos seus olhos?

Quem foi qu' os arreventou?

Foi batendo n'uma porta,

Quando saltava na horta,

Na noite que mais brillhou?
Ou foi castigo de Deus
Por ser vossê calloteiro?
A ser isso uma verdade,
Permitta-me a liberdade,
Mande trazer meu dinheiro.

Si quizer pazes com Deus
E lhe faltar portador,
Dê um psio! eu la passando,
E meu dinheiro entregando
Não seja mais fiador.

Até sabbado.

Pede-se ao Illm. Sr. inspector da thesauraria geral que adiante o expediente dessa repartição, afim de não prejudicar as partes nos seus negocios.

A victima.

POR CAUSA DAS DUVIDAS.

Pede-se ao frade de S. Bento, encarregado do arrendamento das terras pertencentes a esse convento, que não vá fazer arrendamento em duplicata nas terras da fazenda Pituaçu.

Um que não quer ser prejudicado.

HORAS VAGAS.

RÊSPOSTA AO «JORNAL DA BAHIA.»

Inda não, não foi a pique
Do progresso a nobre nau,
Foi apenas encalhada,
E depois desmastreada
Por louco cara de pau.

Mas, o nosso cabeçudo
Em má cousa se metten;
Pois no *solio* por um fio,
Não viu alem o baixio
E fez cousas de um sandeu.

Desmoronar um partido,
Que se apoia na nação,
E' proceder desregrado
D'um louco, d'um desvairado,
De um cabeça de mamão.

Que deferenci'a um sujeito
Que delle Pepilet fez!
Escrevendo atroz Timandro,
Chamando-o até malandro
Em muito bom portuguez!

Oh! que sublime modello
Para quem se quer montar!
Da familia *desse tal*
Não dizer bem, dizer mal!
O *reinante* atassalhar!
Nos tripolantes da nau

Não se vê um tão audaz;
Tudo guarda alto respeito
A quem sustenta o direito
E bandalheiras não faz.

De todos elles cercada,
Eil-a virada de crena;
Mas apezar de abatidos,
Juram inda reunidos
Vel'em breve entrar em scena.

Cahiú em feliz bonança,
Arrostou a tepestade,
Ha d'erguer-se em pouco tempo
E ao paiz dar alento,
Dando vida á liberdade.

—V. é *medio* on minimo, rapaz?

—Por S. José, não me venha apouquentar;
ha *dias* que ando encasfado.

—Isso é falta de freguezes?

—Ja não dão nada de si.

—Não *se acanhe*.

Deixe o Pirajá e va para *Segovia*, onde as gaiolas de cinco ponteiros estão em voga.

—Nada, nada, olhe o que succedeu a meu tio *Xico Xavita*.

—A surra? Ora isso tomara V. que lhe prespegassem uma. Eram os melhores 200 \$ rs. que teria para perdoar.

—Deus me livre; o caso do engenho Gurgaia escarmentou-me.

—Quem tem seu mau costume, não perde, rapaz, anda lá.

MOTTE DO QUINCAS ZAMBETA.

*Ao encontrar com meu bem,
Dei de gosto uma topada.*

GLOSA.

Bem boa gente não tem
O prazer que eu tive agora,
Quando ja ia-me embora,
Ao encontrar com meu bem:
Ella mostiou-se tambem
Tão alegre e contentada,
Que vi-a toda banhada
Do mais amoroso pranto;
Fiquei tremendo de espanto,
Dei de gosto uma topada.

MOVIMENTO DO PORTO...

Chegou a esta cidade a barca denominada *Triumpho dos Diabos*, vinda do outro mundo, com escalla pelo purgatorio, e consignada á casa de Rapina e Companhia, com os seguintes generos:

50 pipas de aguardente de pau carnaúba.
1500 caixas de charutos homœopathicos.
1500 caixinhas de lacre torcido.

8000 caixões de vellas de sebo de rim de carneiro.

32 ancoretas de banha de moriçoca.

900 tornos de cortiça, proprios para tapar buracos.

400 garrafas de vinho champanhe—suor de cavallo

315 abanos magicos de Florença.

VARIÉDADES.

DICIONARIO DA EPOCHA.

Recruta. — Homem que na ultima eleição votou contra o governo.

Voluntario — Homem que se deixa prender para o serviço da guerra.

Praça do mercado. — Lugar onde é prohibido aos mercadores fazerem negocio.

Corpo provisório. — Hospital onde são recolhidos os doentes que mais tarde devem partir para a guerra.

Policia. — Mulher que leva a dormir, e só acorda para fazer asneiras.

Collegios. — Logares onde os eleitores e os meninos são quasi sempre dirigidos por maus directores.

Camara. — Aposento em que alguns homens escondem-se do povo para fazerem as suas necessidades.

Agricultor. — Homem que trabalha para todo mundo, julgando trabalhar para si.

Academia. — Lugar em que se reúnem homens que são ou querem passar por sabios; theatro com muitos pontos, onde cada actor que representa tem o direito de reprovar o publico que o escuta.

Políticos moderados. — Associação de egoistas que supportam com doçura heroica os males dos outros.

Advogado. — Homem que estuda direito para viver a custa do proximo.

Justiça. — Mulher que tapa os olhos para jogar a cebra cega.

Juiz. — Negociante que vive a medir com sua vara a fazenda do proximo.

Gabinete. — Lugar onde sete vadios se reúnem para jogar a fortuna do paiz.

Bastos. — Dous azes de paus, que reunidos fazem um de paus.

Palacio. — Grande casa em que geralmente residem homens pequeninos.

Vinagre. — Extracto de jurros de que se servem os banqueiros para tornar tonto o mais forte devedor.

Luz. — Cousa que se encontra de graça por toda a parte, mais que muita gente vae procurar nas lojas.

Banco. — Lugar em que os capitalistas e os carpinteiros fazem obra.

UM PASSEIO DE RABUDOS.

Em um bello dia, um macaco ajustou-se com sua comadre cutia e seu amigo tatú para deixarem o campo e darem um passeio pela cidade, porque ja lhe era enfadonha a vida campestre.

Com effeito, no dia aprazado, os nossos camponozes entram na cidade. O macaco, que dos tres amigos era o que tinha a cauda maior, prevenio, a seus companheiros que não a deixassem arrastar, as suas; e por isso, á aproximação de qualquer carro, gritava:

Oh! cutia, olha o carro! Oh! tatú, cuidado com a cauda, sinão, ficas sem ella.

Entretanto a cauda do macaco era a unica que varria o chão. Tanto gritou elle ate que as rodas de um carro passaram por cima della e a deceparam.

Ha muitos moralistas que fallam de tudo e de todos, sendo elles macacos e cutias as suas pobres victimas.

UMA MOÇA BEM FALLANTE.

Certa moça, que passava por muito espirituosa e bem fallante, achando-se em um jantar, um dos seus adoradores offereceu-lhe um calix de vinho.

— Muito obrigada, disse ella; de legumes, eu só bebo agua.

Como estas ha muitas, que riem e escarneckem de tudo, e querem passar por espirituosas e bem fallantes.

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado tem sete moças para casar e deseja que seja concluido isto com muita brevidade pela grande despeza que fazem em pomadas para o cabello e gomma para anagoas. A mais velha, D. Zepherina dos Anjos, é de boa estatura e está com a segunda muda, quero dizer, está mudando os dentes mollares, cura fiangos de gogo e sabe fazer torcidas para charutos. A segunda, yaya Bellinha, tem aula de dança no Cruzeiro de S. Francisco, e é mestra de linguças. A terceira, de nome Cotinha, é muito experta e propria para serviços fortes, amança gatos, cura quebraduras e remenda panellas de fundo quebrado. A quarta, de nome yaya Pombinha, faz toda qualidade de maçãs doces e azedas, amargas e temperadas; a saber—paens de-lo de bico, rosquinhas tortas, biscoitos frouxos e bollos de canudos. As tres que restam, yaya Firmina, Caetaninha e D. Conegundes, são optimas lavadeiras, e ja tem lavado e eugomado os cordões dos frades de S. Francisco. Todas são bonitas, apenas tem faltas de dentes e algumas sarnas miudas. Quem quizer, dirija-se a casa C B D n.º 50 de Manuel Pomba Sororoca.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 41.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie d 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

22 AGOSTO DE DE 1868.

N.º 401.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
21 de agosto de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que, segundo nos informam, falleceu uma parda escrava de uma tal Veridiana, moradora atraz da matriz de S. Pedro, e que sua morte ha sido proveniente de pancadas que lhe dera a mesma senhora; o que convem syndicar, afim de que, a ser verdadeiro o boato, tenha semelhante fera um correctivo, para não ficar avezada a praticar actos tão deshumanos; e tanto mais quando essa mulher ja foi accusada de ter morto a uma sua creada, por ciumes, pelo que, parece, esteve na cadeia, da qual sabiu por milagre, não se sabe de que *santo*. A infeliz escrava, de que se trata, foi sepultada no cemiterio do Campo Santo, no dia 19 do corrente; portanto, espera-se que S.S. procederá ás necessarias indagações, para o descobrimento da verdade, não perdendo nada a justiça com essas providencias, no caso de ser uma imputação falsa.

—O Sr. José Antonio da Cunha acaba de publicar um elogio dramatico, intitulado—
A GLORIA DO BRASIL NO PRATA.

—Fomos obsequiados com um exemplar desse patriotico opusculo, digno de ser recommendado á leitura.

—Não precisa; só o nome do seu illustre author faz a sua recommendação.

—Estou penalizado.

—O que é que lhe magoa o coração?

—Um caso lamentavel, que me contaram, devido á indifferença com que se olha nesta terra para a vida do povo.

—Relate la isso.

—Contaram-me que, tendo uma senhora necessidade de applicar umas sanguesugas, em consequencia de uma leve pancada que levará, por infelicidade, as que lhe applicaram tinham chupado sangue corrupto de uma molestia contagiosa em outro doente, do que resultou transmitir-se-lhe o mal e vir a morrer dessa molestia.

—E' quando as cousas tem de acontecer, homem.

—Com tudo, é um ponto de hygiene publica que não devia passar desapercibido por quem é competente.

—Capitão, V. Ex., que se interessa pela sorte dos infelizes, ouça este pedacinho.

—O que é?

—Um trecho da correspondencia de Corrientes para o *Jornal do Commercio*:

«Entre os feridos do hospital da cidade, ha um do ataque de 21 de março (ocupação de Curupaity) que foi amputado em ambos os braços pelo habil Dr. Alvaro Sampaio.

«A amputação dupla, que soffreu o misero soldado, impossibilita-o de poder buscar meios de subsistencia.

«Precisa de uma pessoa, que lhe leve á bocca o alimento. E' um espectáculo doloroso encarar esse invalido da patria assim mutilado. Mas admira ver a resignação com que vive, a alegria com que falla dos serviços, que prestou na campanha. Chama-se Julio José das Chazas. E' soldado do 27º batalhão de voluntarios da patria. A sorte do infeliz amputado, sua resignação e paciência, o bom resultado, que abençoou a operação dupla, tudo isso despertou a eharidade dos médicos em serviço no hospital de Corrientes para promoverem uma subscrição entre os facultativos desta circumscripção e da do Cerrito, a favor do malfadado martyr da patria. Entre os medicos da cidade, do Saladero, da Chacarita e do Cerrito e outros officiaes do exercito em serviço aqui já se tem recolhido 93 libras, graças aos esforços do 1.º cirurgião do hospital da cidade, o Dr. Billac, que tomou a iniciativa nesta idéa humanitaria. O producto, depois de recolhidas todas as listas, será convertido em apolices da divida publica, que serão transferiveis por morte do beneficiado para sua mãe e irmans.»

—Infeliz, disse V.? Por ser neste paiz. Em outro, seu nome seria o de um venerando martyr, coberto de gloria, a quem o respeito e veneração de seus concidadãos e a remuneração do governo, compensariam de sobra seu doloroso martyrio.

—Ao *Jornal do Commercio* foi remettido o retrato do pobre amputado para com elle promover uma subscrição a seu favor.

—Estou certo que essa illustre redacção será felicissima no appello, que fizer a população da corte, em bem do infeliz mutilado dos dous braços.

LA VAE VERSO.

MOTTE

*Fiz a minha habitação
No jardim desse teu peito,
Com a minha propria mão,
Eu plantei amor perfeito.*

GLOSA.

Farto de tanto pagar
Alugueis ao senhorio,
Que a pesar de ser meu tio,
Só trata de os augmentar!!
(Queira o diabo aturar
Gente de tal condição!)
Tomei a enxó e o formão
Compasso, linha serrote,
Prumo, junteira e rebote,
Fiz a minha habitação.

Como sabes, Marcia bella,
Ser bom carapina quero:
Fiz a casa com esmero,
E tem so porta e janella,
Gastei uma bagatella,
Que t'offereço satisfeito.
Si accaso for acêito,
O pedido que te faço;

—«Concede-me um largo espaço
No jardim desse teu peito.

Vou mostrar-te sem receio
Desta casa a solidez:
Tem baldrames com dez pés,
Barrotes com cinco e meio,
Boa madre, bom esteio;
Pontaletes... espigão!!
Aqui tens a construcção
Da minha casa, que fiz,
Em um logar bem feliz,
Com a minha propria mão.

E cercado com rachões
Tenho ja o meu quintal:
E com pericia rural
Dirigi as plantações:
Tem laranjas e limões,
Flores de muito effeito;
Dentro tenho um poço feito,
Tambem tenho boa horta
E mesmo junto da porta
Eu plantei amor perfeito.

V. S.

Ora dá-se que pedaço!
Vejam só que molequeira!
Ir a casa do barão,
Zaz, um copo n'algibeira!

E não foi copo somente:
De champagne uma garrafa,
Duas facas e dois garfos
Vem do cujo na tarrafa.

E depois muito lampreiro,
La vae o espertalhão
Vender por oito mil reis
A um certo vendelhão.

Ora vejam que marreco,
Inculcado partidista!
Que entra na casa alheia
Do desgarrado na pista!

Á PEDIDO.

- Na portia de S. Domingos,
Que fazem aquelles vultos.
Que pr'a não ser conhecidos
Os rostos trazem occultos?
- Um é homem, outro é mulher,
Pelo traje está se vendo,
Em terna affeição, sem duvida,
Estão ahi se entretendo.
- Pois acho isso bem mau,
Ate falta de respeito,
Que vão na porta de um templo
De amor *curtir* o effeito
- Como é tarde, va que seja,
Poucos veem o tal *enleio*,

Mesmo que de dia os cães
Praticam caso mais feio.

—Porem aquelle *sargento*
De Santo Antonio largar-se,
P'ra no adro da egreja
Vir mui ancho aposentar-se!

—Quer que va advertil-o!
Q'o logar é incompativel?

—Sim, Sr., a Estrada Nova
E' ponto mais aprazivel.

N'uma das noites passadas,
La para o *campo extenso*,
Foram os fieis devotos
Adorar a S. Lourenço.

Naquelles peitos de crentes
Que devoção e que fé!
Para abrandar tal ardor
So tomando capilé!

Comeu-se e bebeu-se á larga.
Houve muito palanfrorio,
Protestos de adhesão
Juramentos de *codorio*.

E' um santo milagroso,
Este santo S. Lourenço,
Para fazer *conversões*
Tem elle poder immenso!

Mas eu não creio em sectarios.
Arrastados com vinhaça:
Logo que a garrafa secca,
A cousa dá em chalaça.

(Continuação do n.º 388.)

—Ora anda ca, patusco, continua a tua palinodia de hontem, contra o tal moleque, que sempre *amando* o bello sexo *brasileiro*, estremeado, xibarro, que come *silvas*, advogado que se queria parecer com um tal Lobão ou um *Freire* e não sei que mais, que na tua eloquencia de meirinho, que ja foste da villa do Santo Seraphico, hontem me contaste, e que te fiz parar a lingua por irmos a cima da *coroa*.

—Ah, sim, capitão, é a chronica de um tal advogado da villa do Santo Seraphico, ali conhecido por Dr. *Rizada* e *Catingoso*!

Esse tratante, chegando á ter alguma nomeada como procurador de papeis, foi escolhido pela edilidade da mesma villa para seu procurador, e o bixo muito procurou, mas á semelhança do tal procurador de Bocage, procurou so para si. Recebia indevidamente as letras dos arrematantes do municipio, cobrou multas de jurados, multas provenientes de eleições, dividas atrasadas dos diversos devedores da municipalidade, foi um dos exactores mais danados, que se tem visto,

boliu com quanto homem de bem havia no logar; chamou sobre sua cabeça encarapinhada as iras dos bons homens do municipio e tudo isso em proveito próprio; os dinheiros arrecadados em vez de entrarem para os cofres da camara escoavam-se em despezas particulares do moleque. Para logo teve tres *amazias teudas e manteudas*, na phraze da ordenação; empenhedeu fazer uma casa ao pé do oratorio arruinado de Nossa Senhora do Abrigo, com um bonito frontespicio, a qual não concluiu por lhe ser tirada a mamadeira em 1863, pela nova vereança, que immediatamente demettiu o tal *peculatorio*, que ficou devendo á dita camara para mais de 1:000\$ alem do que não se sabe.

Hoje a dita casa está com um lado todo arruinado, parece mais um curral, que casa de morada.

A camara, até hoje ainda está por cobrar seu debito; e o moleque, por desgraça da terra, passeia empavesado pelas ruas, si bem que, quando passa pela frente da cadeia, ainda sente os mesmos calafrios. O *peculato* ainda está por ser apreciado, talvez tempo virá, em que o moleque ainda va habitar a casa, pela qual ao passar soffre tantos arrepios.

Infelizmente esse xibarro ja é hoje official da guarda cidadã, e ostenta um galão no corpo n.º quatorze duplicado.

Recebe gratificações das partes em nome do juiz, *eserivão*, promotor e solicitador da provedoria e chupa-as *honestissimamente*. Exemplo: o negocio do tenente *Firminimo* que na *correia* traz *lima*, cuja conta, dada pelo tratante descarado, foi apresentada ao finado Dr. Pae-checo, que o chamou de *ladrao* no focinho, e o velhaco nada teve que dizer!!!

Por tratar mal e reter em si quantias do finado Izidro dos Santos José Machado, negociante daquella terra, o qual, exigindo seu dinheiro, o velhaco que de mais a mais é *malcreado*, o insultou com palavras offensivas, foi pelo mesmo esbofeteado sahindo muito sangue dos grossos e trumbudos beiços do *pardo*.

Appareceu na villa um pobre homem velho, de nome *Innocente*, mestre jubillado da Conceição da *beira do mar*, da capital, o qual foi morar Atraz da Cadeia da villa e recebendo uma notificação do juiz d'orfãos, afim de dar a uma herdeira de seu casal, moradora na capital, a quantia de 1:250\$ rs., afflicto procurou um procurador capaz, que se incumbisse da entrega da tal quantia. e não sei por que meios pode este tratante tomar cheiro no dinheiro do velho, que apresentou-se ao pobre homem como pessoa idonea para executar tal commissão, dando-se como homem de honra e habil a desem-

penhar a escrapulosa tarefa, e, labioso como é todo velhaco, tratou com o velhoa viagem a capital por 150\$ rs., que para logo recebeu, assim como a quantia de 1:250\$ rs. para ser entregue á dita herdeira, combinando o moleque fazer a viagem no vapor do dia seguinte; eis sinão quando, apparece no porto uma lancha, vendendo madeiras: para logo tratou o bixo de comprar as que precisava para acabamento da tal casa, cujas obras ficaram paradas, por causa de ter seccado a fonte de suas rendas com a demissão que lhe dera a camara; comprou vigas e vigotas e mais madeiras em quantidade, e nada de levar o dinheiro á pobre dona, e o velho que presencava essa grande compra, e não via a viagem realizar-se, muitas e muitas vezes o abalroava, sem que o bixo dêsse nada de si, protestando so que com toda honradez faria tal entrega, e nada. . . nada até que morreu o velho, e o dinheiro ficou enterrado nos lamaças daquelle leproso até hoje.

Amanhan capitão continuarei.

A politica.

Como todo mundo hoje pega na penna e escreve para a imprensa artigos politicos, porque uns são conservadores, outros progressistas e outros liberaes, eu, embora não tenha politica alguma, isto é, porque não creio nestes politicões de borra, não posso deixar, com tudo, de introduzir-lhe tambem a minha.

Politica é patifaria,
Politica é relaxação,
E ca na minha. . . phrase,
Politica é descarcação.

Não fiquem pois os politicos zangados ca com esse meu modo de pensar. Ora, quem estudar calma e refletidamente a politica de *Latronopolis*, verá que eu tenho razão de assim dizer, pois, embera moço, no verdor da idade, tenho experiencia dos taes politicos de minha terra.

Mas, deixando de parte estas considerações e passando a analyse dos partidos, cada um de per si, verão que eu tenho bastante razão para não acreditar em politica, e não querer abraçal-a.

Vamos a principiar pelo partido a que o povo tem assim suas inclinações—o partido liberal.

Bonita palavra—liberal!

Mas o que é liberal?

Liberal, é aquelle homem que considera á todos seus eguaes, so os distinguindo por suas intelligencias, virtudes e sabe-lorias. E' um pedacinho de que trata tambem nossa constituição; mas que parece-me burla, porque aqui

o mulato julga-se superior ao negro, embora este seja mais virtuoso e intelligente; o branco mulato etc. etc.

E' liberal, aquelle homem, que, tendo um pão e vendo um seu semelhante com fome, dá-lhe meta-le, matando desta forma a fome de seu proximo. Mas é o contrario que se vê neste partido intitulado—liberal. No partido chamado liberal, o liberal é aquelle homem pobre, que deseja subir para se arranjar; mas, que, não podendo, fica debaixo a gritar, qual cão ladrando á lua, e, se alguma vez sobe, é logo arrancado do poder, por outros, que ja tendo comido bastante, ainda não estão fartos.

Está pois desta sorte demonstrado que entre nós não ha homem liberal, e sim homens esperançosos na conjugação do futuro do verbo *arranjar*.

Deixando agora o liberal, passo ao progressista.

E' tambem bonita palavra—progressista. Progressista é aquelle homem, que deseja o progresso e prosperidade de seu paiz, assim deve ser; mas é o contrario nos taes politicos que se abraçam com este titulo.

O progressista politico é aquelle homem, que, depois de estar com a cousa na mão bem segura, larga para o conservador pegar nella e fica olhando, qual corvo largando o queijo para a rapoza comer.

Fica pois sabido, que quando o progressista conjugava a primeira pessoa do presente do verbo *surripiar*, na *grammatica tétal*, veio o conservador e tirou-lhe a cousa da mão.

Depois da teta segura
Ter o progresso na mão,
Chegou o conservador,
Levou-a d'um sacalão!

Ora vamos agora ao conservador. Conservador, propriamente dito, é aquelle homem, que conserva o que tem, isto é, que não esbanja o que é seu e nem tambem o dos outros. Mas se vê o contrario no partido conservador; é conservador aquelle homem que sabe extorquir o dinheiro do estado, para accumular riqueza, embora venha depois a mãe patria a enthysicar!

Safa! Fui longe com os taes politicos de minha terra!

Quasi naufrago no mar das politicas!

De politica, meus leitores,
Ja não quero mais tratar,
Os homens que estão de cima
A mãe patria hão de *esfaltar*.

ANNUNCIOS.

Esta typographia precisa de um distribuidor.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 41.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie d 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

26 AGOSTO DE DE 1868.

N.º 402.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
25 de agosto de 1868.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto policial, recommendando á sua especial attenção dous ratoneiros de nomes Januario, africano, que foi *escravo livre* da nação e Francisco Nogueira da Silva, os quaes, são ladrões como rato, e não se contentam com gatunarem o que acham desgarrado, como tambem arrojam-se a penetrar no interior das casas para ahi praticarem seus bons feitos.

Espera-se que S. S. recommende á vigilancia de seus agentes tão intrepididos industriosos.

—Importuna gente é essa chamada candidatos!

—O' peor do que quanto pedinte franciscano ha.

—Quer V. me creia, quer não, vou contar-lhe o que me aconteceu ha dias e que pode servir-lhe de prevenção.

—Ha eu muito descuidado pelo Terreiro de Jesus, quando, de subito, fui abalroado e seguro ao mesmo tempo pela aba do paletot, como si fôra algum criminoso, que fugia da vara da justiça.

—E, em resumo, era um dos tães esmole-res, não?

—Era um candidato á vereador, que, tendo com o solavanco me descosido uma aba do paletot, desfazia se em lamurias para me pedir um voto.

Fiquei tão penalizado de ver a humilde contricção com que o homem implorava, que, apesar da furia que atacou-me pelo fracasso que soffreu o meu casaco, prometti-lhe que estava servido.

—E tudo isso elles fazem pelo desinteresse de servir de graça!

—Moço, embora V seja zelador, guardador, fiel, a menina não estava perdida, para V. querer chamal-a a si.

—Leviandades da mocidade.

—Si tem securas, beba agua.

V. pelo seu estado de casado, não pode ir a Sé consummar com ella o SS. Sacramento do matrimonio: para que então aproveitou-se da occasião d'ella ir á rua do Bispo, visitar a madrinha para mettel-a n'uma cadeira e fazer-se de vella?

—A força d'uma paixão.

—Ora não seja pedaço d'asno! Por isso, passou pela decepção de ser filado na rua antes de comer a fructa.

—O maldicto moleque foi quem me frustrou a empreza.

—V. é cynico!

Casse o anno inteiro, Sr. Gomes Castro, que não encontra um destructavel de sua laia: com o maior descaro querer carregar uma moça, ás 9 horas do dia, hoje 22 do corrente!

Summa-se, biltre, que, por attenção a sua mulher, não lhe mando fazer o que merece.

—Donde vem V. tão esbaforido?

—Deixe-me, que estou arreliado.

Vi-me agora em papos de aranha para me livrar das garras de dous indomaveis caxorros, que ameaçavam dilacerar-me as pernas, sem remissão nem aggravado.

—Isso não é lá muito confortavel.

—O que eu não sei é como se tem soltos dous animaes tão ferozes.

—Cousas da terra.

—Entretanto, qualquer pacifico vivente, que passe pela Cova da Onça, ao emparelhar ao n.º 5, está exposto a ser acomettido pelos dous furibundos animaes e ser preza de seus caninos dentes!

—E o que se hade fazer?

—Nada, está direito; felizmente eu ja estou prevenido.

—A illuminação publica continúa mal e porcamente.

O accendedor dos Barris, tomou por seu barato, de certa hora em diante, substituir a luz do gaz, pela luz das estrellas matutinas e, ainda bem não soaram as quatro da madrugada, ja elle anda azafamado a torcer os canudos dos combustores.

—Ora isso não quer dizer nada; quem não quizer sahir ás escuras, deixe-se ficar em caza.

—Foi ao spectaculo no sabbado?

—Fui; só porque me provocou a curiosidade ver a comedia — *Uma lição de spiritismo, ou a gata transformada em mulher.*

—Que tal achou?

—Esteve muito boa, pelo que foi prohibido continuar-se a representação.

—A Sra. Izabel transformou-se bem em gata!

—E ella não transformando-se, quando ha affinidade no sexo.

—Teve muitos *applausos* da platéa, de pateada e churrios, e até disseram-me que jogaram-lhe dinheiro de cobre.

Só notei faltar-lhe uma cousa.

—O que foi?

—A dentadura para poder comer passariños e ratos.

—A policia bigodeada pelos moleques!

—Aquillo não são moleques, são tambores da guarda nacional.

—Ora esta! Por isso deixam de ser moleques?

Que nome tem uma malta, que anda a rou-

bar doces pelas caixinhas, espancando as mulheres de capona, atropellando as familias e commettendo mil indecencias, embora enverguem uma farda de guardas nacionaes?

—Os commandantes de batalhão deviam olhar para isso.

—Veja como metteram o ordenança do subdelegado da Sé n'um sarilho de petelecos, que só falta lhe darem palmadas.....

—Tambem elle para que se foi metter em camisa de onze varas, querendo sosinho conter uma turba desenfreada como aquella!

—Eu não sei, por que nestes dias de festa, em que se reúne tanto vadio e desastrado, a policia não dispensa uma força que faça manter a ordem.

—O Terreiro hoje está fertil em sarceiros!

—A noite é propria.

—Quando deixaram este palanque por desmanchar, para alguma cousa era.

—Pelo menos occupa dia e noite um pobre soldado.

—Que para não curtir as noites em frio, vê-se na dura necessidade de levar para allí sua costella.

—Tudo fosse isso, o peor é aquelle infernal barulho.

—Do que procedeu, sabe?

—Um cujo, querendo alliviar-se de um pezo que o encommodava, foi descarregal-o em baixo do palanque; o soldado, que tem fino olfato, presentiu e quiz ob igal-o a sahir de calças na mão, mas elle que é de briga, foi arrumando no militar em cheio.

Os capadocios accudiram logo, e lá está o inspector e o soldado servindo de basculho da sucia.

—O patriotismo da tal commissão, foi só para levantar o palanque, para desmanchal-o, qual!

—Não ha mais dinheiro.

—Ora adeus! caxorro quando vai engolir o osso, toma medida primeiro.

—A respeito de segurança individual, marchamos em progresso espantoso!

—Que pedaço!

—A' seis noites passadas um grupo de estabados, malhavam de cacete em um pobre vivente, ás 9 horas da noite, na praça de Dous de Julho.

—Eu logo vi, que o seu dizer era ironico.

—Os gritos da victima não foram capazes de despertar a curiosidade de um unico agente da policia, e o infeliz teve de ficar bem moqueado.

—Si no largo do Theatro, no sabbado, ás 11 horas da noite, houve cacetada a estron-

dar e a policia não despertou do lethargo, quanto mais la tão longe.

— E' realmente digno de inveja semelhante estado de cousas!

— Foi visitar o hospital de charidade no domingo?

— Fui. Muito aceso, muita ordem.

— Graças aos esforços do Sr. Figueireido Leite.

LA VAE VERSO.

MAXIMAS.

E' cousa contradictoria
Ser christão sem ir á missa;
Quem dá beijo em mulher velha
Chupa rolha de cortiça.

Ter vergonha, hoje, é tolice,
Ter consciencia, isso é pêta;
Os rapazes deste tempo
São valentes na gazeta.

Novellas vem em barril,
Romances e folhetins,
Traduções e poesias,
Andam ja entre os capins.

Com tal civilisação,
Com tanta litteratura,
Ainda ha gente que queira
No paiz escravatura! . . .

Por dinheiro e por mulher
Quasi toda gente briga,
Quem stã de posse, é feliz,
Passa bem, enche a barriga.

Os amigos deste tempo
Todos querem desfructar,
Mas em vendo precisões,
Tratam logo de mudar.

Os mesmos pratos que então
Ajudaram a lamber,
Servem logo de risota
Dão motivo a escarnecer.

Guisado bem preparado
Ja de longe traz bom cheiro;
De certas repartições
E' bem bom ser thesoureiro.

Á PEDIDO.

Ao brioso e sempre livre povo da freguezia de Sant'Anna apresentamos a seguinte

Lista para juizes de paz:

Barão de Sauhipe.

Coronel Joaquim Antonio da Silva Carvalho.

Major Antonio de Souza Vieira.

Dr. Antonino Emiliano de Goes Tourinho.

PARA JUIZ DE PAZ DO CURATO DA SÉ.

O Capitão Jovino Cezar da Silva.

Um votante.

PARA JUIZ DE PAZ DA SÉ.

O capitão Pantaleão José de Campos.

Um artista.

PARA JUIZ DE PAZ DO CURATO DA SÉ.

Recommendamos aos cidadãos votantes desta parochia o cidadão Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira.

Um votante.

PARA VEREADOR

O coronel Joaquim Antonio da Silva Carvalho.

Um votante da Sé.

POVO DA SÉ, ALERTA!!!

Apresentamos candidato a um dos logares de juiz de paz da freguezia da Sé, o coronel Manuel Tranquillino dos Reis, o qual pode n'esta epocha ser um poderoso auxiliar á situação.

— Um jumento, um vitello, um porco e um burro, são candidatos a juizes de paz.

— Isto só póde ser na freguezia dos bichos.

— Não, é na das aves que comem mamão.

DIALOGO

ENTRE CERTO TUTOR DELATRONOPOLIS E UNS ORPHÃOS.

Um orphão.

Oh! por Deus, Sr. tutor,
Tenha de nós compaixão,
Dê-nos alguma porção,
(Lhe pedimos por favor.)
Do que foi a nós deixado,
Por nosso pao ajuntado!

Tutor.

Passa fora, creançada!
Não tenho nada a vos dar,
Quem quizer vá trabalhar;
Ja não estou p'ra massada;
A herança que vos tocou
Para o escrivão mal chogou.

Orphão.

Oh! Sr., isso é horrivel!
Contemple nossa desgraça;
Libamos amarga taça,
Cheia de pranto... é terrivel ...

Não nos deixe assim sem pão
Tenha dó o compaixão.

Tutor.

Ah! que massante ninhada!
Querem pão? vão ao padeiro;
Eu não sou nenhum sendeiro,
Que trabalha sem ver nada;
Nem irman de charidade,
Nem asylo de orphandade.

Orphão.

Nos diga, tutor cruel,
Aonde estão nossos bens?
Aonde mettido os tem,
Quo até hoje só fel
Em *partilha* temos tido,
E nada mais obtido?

Tutor.

Os seus bens? La no *inventario*
Tudo está mui bem *descripto*,
E tudo á lei adstricto;...
Tive até pouco *salario*;
E as custas e *tuetellas*,
E mandados e *querellas*?

E os termos de *juramento*,
Termos de *datas* e *juntudas*,
São brinquedos, cassoadas?
Por ventura sou jumento,
Que não tem retribuição?
E os termos de *conclusão*?

Orphão.

Homem sem alma, attenda,
Cobre o que lhe pertencer,
Usufrua a se encher,
Cobre o duplo, mais accenda
Na sua alma o sentimento
De humanidade um momento.

Não nos lance na indigencia,
Que a lei não permite tal;
Já basta de fazer mal;
Pois nos põe na contingencia,
Nos roubando tecto e pão,
De lhe chamar-mos....LADRÃO.

Tutor.

E' demais! Eu tão *honrado*,
Que estou *pobre* e nada tenbo,
Apezar do meu empenho
Em um trabalho aturado,
Hei de em silencio soffrer
Injustiças a morrer?

Orphão.

Hypocrita refinado,
Não blasphemes, emmudece;
Quem é que não te conhece
Por um velhaco afamado?!

Vinte annos ja la vão,
Quo nos rouba este ladrão.

Jacques Ferrand.

VARIÉDADES.

DOUS PREGÕES.

Indo um homem a enforcar por fabricante de moeda falsa, apregoava o algoz a culpa, e o padecente a desculpa: ambos apregoavam; um dizia: —Justiça que mandam fazer.—Injustiça que me fazem, dizia o outro, por não ter moeda, que si a tivera, a forza não se armaria.

COUSA QUE ACONTECE MUITAS VEZES.

Sendo visitada uma menina por um dos seus parentes, esta lhe disse:

—Não faças bulha, priminho, que a mamãe está com dores de parto.

—Mas, minha cara priminha, lhe respondeu elle, eu julgava que vosso pae estava ausente ha dous annos.

—Oh! isso é o mesmo, lhe tornou a pequena; elle escreve todos os meses a mamãe.

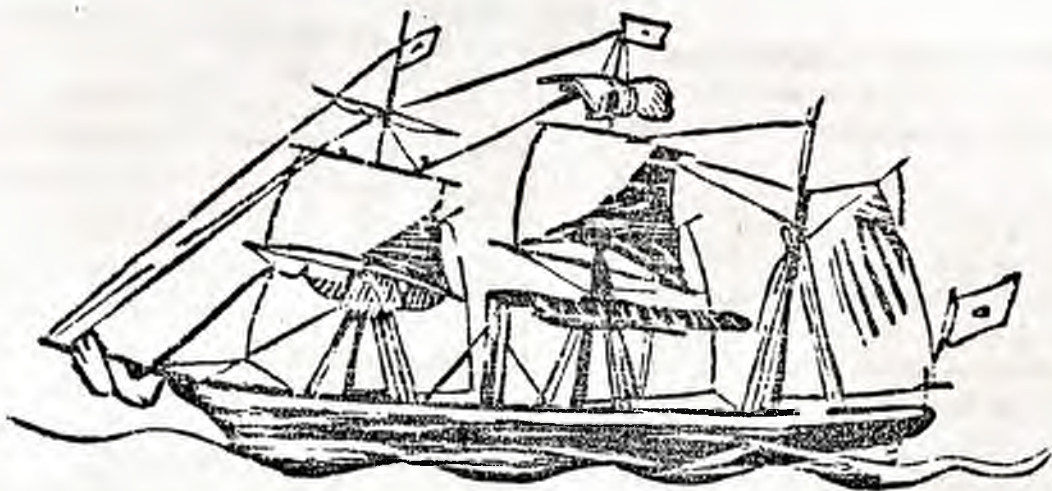
ANNUNCIOS.

FESTA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE NA IGREJA DO SENHOR DO BOMFIM.

Convida-se a todos os devotos da Santissima Virgem para depois de amanha, quinta-feira, finda a Missa, lavarem a egreja do Senhor do Bomfim, onde, no domingo 30 do corrente, celebra-se a festa da mesma Senhora da Boa Morte com toda decencia e boa musica, pregando ao evangelho o Revm. padre mestre conego Moniz; havendo na vespera, á tarde, procissão das senhoras, acompanhada de excellente banda de musica militar, seguindo-se a novena, em que pregará o Revm. vigario da freguezia, e finda a qual, bem como no domingo á tarde, e depois do offerecimento á noite no palanque, continuará a banda militar a executar excellentes peças de musica, durante a illuminação á gaz nas ditas noites, alem de outros variados divertimentos; terminando a festividade com um bom fogo de planta. Espera-se pois, a concurencia de todos, para melhor brilhantismo do festim dedicado áquella nossa Mãe Santissima.

A thezoureira da festa.—*Perpetua Rosa Pedreira França.*

Esta typographia precisa de um distribuidor.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collezio n. 14, 1.º andar.

Serie 41.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series.

BAHIA

29 AGOSTO DE DE 1868.

N.º 403.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
28 de agosto de 1868.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que com urgencia responda sobre a inclusa representação de alguns taberneiros, que se queixam da falta de egualdade com que S. m. dispensa de correição as seguintes vendas—de João Mariano, á rua Direita de Santo Antonio; Jesuino, á Quitandinha; Bitto, á quina do becco dos Perdões; Antonio Farias, á Fonte de Santo Antonio. S. m. deve quanto antes esclarecer semelhante accusação, que, á ser verdadeira, importa em reprehensivel condescendencia e desabono da imparcialidade com que deve S. m. desempenhar seu cargo; cumprindo-lhe mais observar, que, em hora sejam os vendelhoes alludidos prestimosos auxiliares eleitoraes, com tudo, deve S. m. fechar os olhos á politica, quando tratar de desempenhar deveres. Cumpra.

—Ah, si eu fosse chefe de policial

—Não fazia nada.

—Garanto lhe que aquelles quatro licenciosos não ficavam em sosso.

—Console-se com a vontade.

—Usarem de violencia para commetterem tão hedionda e sensual acção!

—A policia não pode estar a par do que se passa de portas a dentro.

—Mas, como é que quatro depravados entram n'uma casa e constangem, pela força, uma fragil creatura, a praticar um acto aviltante e repulsivo!

—Em geral, V. não sabe que os homens libidinosos tem coração de pedra?

—Caxorróes!

Ahi está porque eu digo que, si fosse chefe de policia, por moralidade da sociedade, mandava metter taes patifes no chilindró.

—Não ha quem tenha commiseração d'aquelle decrepito velho!

Estendido sobre a lagea, coberto de moscas, embrulhado em um immundo pedaço de panno!

—Onde vê, é escravo. Foi vendido englobadamente em um leilão de trastes, por tres mil reis.

—E a policia não obriga o senhor d'aquelle cadaver vivo a recolhê-lo!

—O *telchior*, que não é nenhum *seraphim*, e a quem só faziam conta os trastes, atirou para a rua o pobre velho, como um objecto desnecessario.

—E para que comprou-o?

—Era a condicção da venda.

—Ingratidão!

Usufruem-lhe os serviços por longos annos, e, quando o veem enfermo e insubsistente, atiram-no a morrer á mingoa no adro de S. Domingos!

—Credo em cruz! Eu te *aber nuncio!*

—O que viu, homem?

—Dizem que esta ladeira da Prata é mal-assombhada.

Aquillo será alma do outro mundo? Estou com os cabellos ericados.

—Forte creançola!

—O que, homem? Pois não é um phantasma? Parece até vestido de *padre*.

—Medroso, repare, é um homem e uma mulher que estão á conversar.

—Homem, falle-me *franco*, V. reparou direito?

—Si a *Libania* estivesse aqui, rir-se-hia a escangalhar do seu infundado pavor.

—Foi julgado pelo jury, no dia 26, o João Cabocolinho.

—E condemnado?

—A seis annos de prisão com trabalho e a pagar as custas.

Teve duas acenações e uma defeza.

—Fico inteirado.

Á PEDIDO.

—O que vem fazer este velho em sua companhia?

—E' um africano, que vem queixar-se a V. Ex. contra uma empalmação, que queriam fazer em seus bens, por meio de um testamento falso.

—Olá! isso é cousa fina!

—Si V. Ex. permite, eu exporei o facto, como elle me contou.

—Pode.

—A 23 de abril do corrente anno, dirigiu-se ao forum, para fazer aprovar seu testamento, que mandára escrever, por pessoa de sua confiança.

Uma dessas harpyas, que andam por alli a farejar prezas, arrancon-lhe das mãos o testamento, á-pretexto de que não estava feito em ordem e persuadiu-o á força de *palavras doces*, a mandar fazer outro, por pessoa entendida.

Não foi nada, não; a vontade do testador foi completamente illaqueada e enormemente lesada: uma filha natural e uma cria a quem elle legava o que tinha.

—E quem ficava por herdeiro?

—Eu explico. Duas casas, que o africano tem ao becco do Mingau, ficavam, uma para a filha da inculcado testamentario e outra para as herdeiras, omittindo se que uma era sua filha, devendo-se desta tirar as despezas do funeral, missas, etc.; e tudo mais para os dous intrusos testamentarios.

—Bravo!

Como descobriu elle a massa-la?

—Approvado o testamento, foi lacrado e entregue ao africano dizendo-se lhe que deixasse outra copia no cartorio. Deus, porém, que não quer cousas mal feitas, aditou no coração do preto, que, no domingo 23 do corrente, qua ro mezes justos depois da audaciosa tentativa, abrisse o testamento, mandasse-o ler e dêsse com a ladroeira.

—Basta de narração. Os nomes da commandita?

—Capitão, por ora consinta que o queixoso guarde reserva. Basta dizer que o testamento está escripto, a seu rogo, por um escrevente; servem de testemunhas seis officiaes de justiça e está competentemente approvedo por um tabelião.

—Como vae grassando a terrivel tendencia de apossar se do que é alheio!

A raça dos falsificadores está tão ramificada, que quasi parece impossivel extinguil-a!

Acrostico.

Será possivel que o gabinete de 15 de julho componha-se de homens, que provem a verdade do seguinte acrostico?

— taboraly.

— uritiba.

— otegipe.

— lencar.

— aranhos.

— ntão.

— oares de Souza.

(*Typographo.*)

—Sr., Vm. tem assucar?

—Do bom.

—A como vende?

—Doze vintens.

—E' caro.

—Não compra por menos em outra parte.

—Isso que é comprar. Sr. *Miguel* me dá a nove vintens.

—So si elle rouba.

—O mais é que eu agora não hei de ir ao *Caes do Ouro* por uma libra de assucar.

—Si eu comprasse de noite, para vender de dia, como o *Costa*, lhe daria pelo preço que V. quer.

—Assim é que se faz. Eu sei que elle sempre anda sortido.

—O pote tanto vae á fonte que la se fica.

—Eu sei que o deposito soffre, ms elle lura.

—Mas, no dia em que a policia procurar o n.º 87 de sua porta, elle pagará tudo por junto.

—O seu procedimento, Sr. *tenente*, é altamente irregular e censuravel.

—E o Sr. quer se constituir em *policia correccional*?

—Que duvida? Não posso concordar com acções indecorosas, mormente praticadas por quem tem restricta obrigação de zelar a moralidade.

—O Sr. agora é que quer moralisar.

—Por ventura, não comprehende a indig-nidade e torpeza que ha em seduzir uma mo-ça, enganar-a, perdê-la, trazê-la de sua ter-ra, promettendo fazê-la feliz e chegar aqui, a-bandonar-a a couces e ponta-pés?

—Cumprir tudo quanto prometti a ella.

—Isso, foi o que o Sr. disse, quando cha-mado pela authoridade; mas eu não creio, por que, tendo promettido cazar-se, faltou sua palavra.

—Não sou o primeiro.

—E o Sr. que foi para *Cama-co mu*, como garante da ordem, tornou-se em instrumento de depravação!

—Nem por isso deixei de merecer confian-ça junto a quem manda.

—E' que o coração do homem, é molda-vel como o barro.

—Tambem alguns tem no rijo como *seixo*.

—Esta terra, esta terra! .. quanto mais pervertido, mais protegido!

—Onde vae, Sr. Candinho, tão apressado assim?

—Oh, capitão, a procura de V. Ex. mesmo vinha eu, para lhe contar um facto que com-migo deu-se no sabbado, depois do spectacu-lo.

—O que foi? Alguma novidade?

—Eu lhe conto:

O Sr. Arthur Benn, quando sahio do theatro, entrou mais tres sujeitos em um car-ro; mas havendo entre elle e o caixeiro uma duvida sobre o pagamento do aluguel, o cai-xeiro não quiz que seguisse o carro. O Sr. Benn passou uma descompostura no caixeiro, o caixeiro respondeu com outra descompos-tura, palavra pucha palavra, segue o carro, não segue. N'isso um dos tres com panheiros do Sr. Benn, o Sr. Johnston Saunders, pula de dentro do carro para esmurrar o caixei-ro, este entra por men hotequim e o Sr. Sun-ders atraz, por fim atacam-se, e quebraram-me candeeiros de gaz, garrafas de cervejas, pratos, copos, doces machucados debaixo dos pés delles e o diabo a quatro!

—E o Sr. Saunders não lhe pagou este estrago que lhe fez, causado pelo sua *cerve-jaica valentia*?

—Logo depois do acto do desaguisado eu agarrei e elle prometteu pagar-me; mas na

segunda-feira, mandando-lhe a conta, recu-sou-se, dizendo que nada devia.

—Acho bom que se dirija á policia e dê uma queixa contra o Sr. Saunders, pois nin-guem está disposto a que venha um *valentão acerevejado* dar em outro dentro de sua casa, fazendo até estragos.

—Eu vinha nesse proposito do, si não en-contrasse V. Ex., dirigir me a policia; mas acho bom que V. Ex. tome tambem algumas providencias á respeito.

—Vou expedir as ordens para que elle venha á minha presença.

CANDIDATO POPULAR.

Jovino Cesar da Silva, a seus illustres compa-rochianos do Curato da Sé.

Apresentando-me pela segunda vez, perante a urna desta parochia, sollicito dos meus illús-tres comparochianos a hora de me admittirem em um dos logares da judicatura electiva.

Estranho as lutas dos partidos e convencido de que empreguei sinceramente todos os meus esforços, para cumprir a missão popular, de que fui investido, tenho com a maior confiança, em meu unico apoio, a estima e benevolencia, com que tanto me honram e distinguem os meus il-lustres comparochianos, de quem espero e a quem entrego o resultado da minha eleição.

Posso affiançar, dando por garantia os meus precedentes, que continuarei a tomar por nor-ma da minha conducta, si tiver a hora de ser bem succedido, o exacto cumprimento da lei entre os meus illustros comparochianos.

Não tenho outra aspiração, que não seja a es-tima de meus concidadaos.

Bahia 31 de setembro de 1858.

Jovino Cesar da Silva.

PARA VEREADORES.

- 1.º Dr. José Luiz de Almeida Couto.
- 2.º Elpidio da Silva Barauna.
- 3.º Barão de Saubipe.
- 4.º Conselheiro Joaquim Torquato Carneiro de Campos.
- 5.º Commandante superior Joaquim Antonio da Silva Carvalho.
- 6.º Dr. Antonio Ezebio Gonsalves de Almeida.
- 7.º Dr. Antonino Emiliano de Goes Tourinho.
- 8.º Dr. Francisco José da Silva e Almeida.
- 9.º Manuel Correia Garcia.

PARA VEREADORES DO PARTIDO CON-SERVADOR

- Commendador José de Barros Reis.
Proprietario Antonio Dias de Magalhães.

Dr. Floy José Jorge.
 Dr. Francisco de Azevedo Monteiro.
 Proprietario Manuel Affonso Paraizo Moura.
 Advogado Manuel Correia Garcia.
 Coronel Raymundo F. de Macedo Magarão.
 Capitão Silvestre Cardoso de Vasconcellos.
 Dr. Francisco José da Rocha.

PARA JUIZES DE PAZ DE S. PEDRO,

Elpidio da Silva Barauna.
 Antonio Telles da Silva Lobo.
 Dr. Cincinato Pinto da Silva.
 Antonio Francisco de Aguiar Cardoso.

Ao brioso e sempre livre povo da freguezia de Sant'Anna apresentamos a seguinte

Lista para juizes de paz:

Barão de Saubihe.
 Coronel Joaquim Antonio da Silva Carvalho.
 Major Antonio de Souza Vieira.
 Dr. Antonino Emiliano de Goes Tourinho.

O SR JOVINO CEZAR DA SILVA.

Tendo sido publicado no *Jornal da Bahia* de hoje, uma chapa politica para juizes de paz do Curato da Sé, na qual fizeram o favor de, a minha revelia, incluir o meu humilde nome, julgo do meu dever, agradecendo a lembrança, declarar, que não faço parte de chapa alguma, e que continuo em minha apresentação avulsa a tão honroso, quanto importante cargo popular, confiado ainda uma vez na bondade com que me tem distinguido o brioso povo deste Curato, certo porem de que, candidato somente popular, não terá de maneira alguma minha apresentação caracter de matiz politico, continuando a pautar os meus actos na judicatura de paz pelos principios de justiça e moderação; assim pois, tendo de ambos os lados affeições e amigos, continuo a esperar delles todo apoio a bem da minha candidatura, que não tem caracter politico.

Bahia 26 de agosto de 1868.

Jovino Cezar da Silva.

PELO PARTIDO CONSERVADOR

Para juizes de paz da freguezia de Sant'Anna.

Dr. Americo de Souza Gomes.
 Antonio Pereira Bastos.
 Francisco José Ramos.
 Lino Porfirio da Silva.

ELEIÇÃO DE JUIZES DE PAZ DA SÉ.

Sr. Redactor. — Qualquer que seja a minha opinião ou tendencia nas luctas politicas da actualidade, penso que ha sempre grande inconveni-

encia publica, na exclusão de caracteres competentes por provada honestidade e intelligencia, muitas vezes preteridos na urna eleitoral por força de conveniencias de occasiao, determinadas por mero calculo politico.

Por isso, e por que o Sr capitão Ignacio Alberto do Andrade Oliveira deu testemunhos cabaes, nunca contestados, de idoneidade no cargo de juiz de paz nesta freguezia da Sé, durante todo tempo que o exerceu, peço licença para o apresentar candidato a proxima eleição de juizes de paz por esta freguezia.

Desejo pois dever-lhe, Sr. redactor, a bondade da publicação destas linhas, completando-me este favor com a reproducção dellas transcriptas nos subseqüentes numeros ate o dia 7 de setembro.

Um parochiano.

(Int. Pub.)

CHAPA GENUINA PARA JUIZES DE PAZ DE S. PEDRO.

Joaquim Torquato Carneiro de Campos.
 Antonio Francisco de Aguiar Cardoso.
 Elpidio da Silva Barauna.
 José Maria de Mattos.

VARIÉDADES.

O QUE É O CASAMENTO.

Um moço, que ia casar-se tendo na mão seu bilhete de confissão, julgou que lhe seria agradável voltar atraz e de dizer ao confessor:

— Eu não sei, Sr. abbade, si estou bem confessado; tendes a obrigação de me dar uma penitencia.

— Não me disseste que ides-vos casar?

LOGICA NO VINHO.

Um amador do bom vinho fazia o seguinte jocoso raciocinio ao seu confessor, que o reprehendia sua má inclinação. Meu padre o vinho faz o bom sangue, o bom sangue produz o bom humor, o bom humor faz nascer bons pensamentos, os bons pensamentos produzem as boas acções, e as boas acções, levam o homem ao ceu; logo o bom vinho deve conduzir-me ao ceu. Assim seja respondeu o pastor.

ANNUNCIOS.

AM A

Quem precisar de uma ama, para carregar creança ou para reger uma casa, dirija-se as Portas do Carmo n.º 69.

Januario de Amorim Vieira, relojoeiro á rua dos Ourives, n. 14 C, tem um bonito sortimento de relógios americanos, dos formatos mais modernos, que tem vindo ao mercado.